



**EDU BRISA**

**"TEATRO É SANGUE E PRECISA CIRCULAR"**



**DRAMATURGIA  
DO TEATRO-A  
BAILE**

**VOLUME 2**





Copyright @2023

**EDITORA LUNAS**

*Edu Brisa – Dramaturgia do Teatro-Baile*

ISBN: 978-65-85130-27-1

Serviços Editoriais: Agência Lunas



Esta é uma obra de ficção. Os fatos e os personagens presentes nessa obra, assim como nomes e diálogos são unicamente fruto da imaginação e da livre expressão artística do autor. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização dos autores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Brisa, Edu.

**B871d** Dramaturgia do teatro-baile / Edu Brisa -- Alvorada; RS: Lunas, 2023. 168 p.; 14x21 cm.

ISBN 978-65- 85130-27-1

Contém dados biográficos

1. Teatro brasileiro. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro brasileiro CDD 869.2
2. Literatura brasileira CDD B869

Ronaldo da Mota Vieira – Bibliotecário – CRB – 8 / 9124



Esta publicação é parte do projeto: “Teatro-Baile, uma poética em construção - o caminho se faz caminhando”

**CTI - CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO**  
**Fundada em 2003 na cidade de São Paulo -BR**

“Este projeto foi realizado com apoio do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura”

REALIZAÇÃO







# DESCRIÇÃO

Este volume contém três textos teatrais criados e encenados pela Cia. Teatro da Investigação nos anos de 2019, 2021 e 2022.

O HOMEM-MEGA-FONE

A MENINA PASSARINHO (INFANTIL)

É TEMPO DE FESTA PRA BANDAS DO CORAÇÃO DE NOSSA  
SENHORA!







*“Dedico este livro, assim como tudo que faço nessa vida de arte e afeto, aos meus filhos João e Daniel e também a minha companheira  
Mariane.*

*Em memória de Chico de Assis, que foi para mim um mestre na dramaturgia nos idos de 2009 até 2014, período em que escrevi O HOMEM-MEGA-FONE. O Chico me disse que me considerava um autor teatral, pois, a diferença do dramaturgo para o autor é que o autor é aquele que tem o sentimento do mundo.*

*E por fim, também em memória ao nosso Macalé, artista que ilustra a capa deste livro e que criou a identidade visual da CTI - Teatro-  
-Baile.”*

**- Edu Brisa**









# APRESENTAÇÃO

- Respeitável público!!!!
- Hoje tem bologodia?
- Tem, sim senhor!
- No nariz da sua tia?
- Tem sim senhor!
- Hoje tem bologodó?
- Tem, sim senhor!
- No nariz da sua vó?
- Tem, sim senhor!!

Ah, como me lembro do efeito que essas palavras, ditas pela minha mãezinha, faziam em minha cabecinha de criança... Boas memórias... Eu ficava pensando: que diabos quer dizer bologodia e bologodó? O que será que tem mesmo no nariz da minha tia e da minha vó? Não me lembro de fazer essas perguntas à minha mãe, talvez, porque meu olhar infantil construísse suas próprias respostas. Hoje entendo que a arte, em todas as suas manifestações, e o teatro - por excelência, a arte de representar - carrega em si a capacidade de nos fazer ver (rever ou transver, como diria Manoel de Barros) o cotidiano de outro modo, transformando as imagens em tudo o que a nossa capacidade humana puder imaginar... imaginar, criar... recriar, transformar...

Vocês já pararam para pensar o que seria de nossas vidas sem a arte? (feche os olhos e faça o exercício de imaginar sua vida sem a música, a dança, a poesia, o teatro, o cinema...). Como tudo seria triste e..., provavelmente..., sem sentido...

A arte nos faz mais humanos, pois lida com nossa imaginação,





que para Bachelard (2002), é a faculdade que todos nós temos de formar imagens da realidade, de cantar a realidade. Esse autor nos diz que a imaginação inventa mais que coisas e dramas, ela inventa vida nova, abre nossos olhos para outras visões. Verá quem tiver visões e, para isso, precisamos ser educados por meio dos devaneios, e, desse modo, desfrutar das experiências na vida. É isso o que se propõe a fazer a Companhia Teatro da Investigação (CTI) ao nos transportar por imaginários, esse manancial criativo que (re)sente o mundo, num sem fundo humano que é a própria criação (RUIZ, 2003).

Essa obra nos apresenta três dramaturgias escritas e desenvolvidas pela CTI. A primeira nos convida a problematizar o lugar que ocupam homens e mulheres na política institucionalizada em nosso país. Sabemos que numa democracia, como ainda é o nosso caso, qualquer um de nós pode e deve desejar uma sociedade melhor para si e para todos, pleiteando a ocupação de cargos públicos eletivos. De forma irônica e, por vezes, cínica, O Homem-Mega-Fone nos transporta para esse universo onde o trabalhador comum se vê na ilusão de transformar a sua vida e a dos seus parceiros, candidatando-se a um cargo de vereador. No período eleitoral, ele, travestido de um homem simples, explora seus comparsas, os engana e a seus familiares, dissemina o ódio e a cobiça entre eles ao colocar em disputa um objeto que passa a ser desejado por todos. Já eleito, ignora as dores e dramas dos envolvidos, buscando soluções paliativas e assistencialistas para o mal, por ele mesmo provocado. Sem sombras de dúvidas, aqui não é a vida que imita a arte, mas, o contrário. A arte, no entanto, nos permite abrir os nossos olhos para novas visões, conscientizações e posicionamentos. A arte é resistência, é luta!

Em A menina passarinho somos transportados para outro universo. Quem nunca quis ser um pássaro e voar, voar, voar, desbravando





outros mundos, cheiros e cores? Impossível não lembrar imediatamente e, mais uma vez, Manoel de Barros, quando ele disse que queria ser uma borboleta, pois imaginava que o mundo visto por ela, seria um mundo livre aos poemas:

“(...)Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens. Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens. Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens. Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas. Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de uma borboleta. Ali até o meu fascínio era azul.(...)” (BARROS, 2000, p. 59)

Também é assim A Menina Passarinho da CTI. Ela sonha, imagina e, junto com o primo, convoca todos os pássaros para uma viagem. Mas, no fundo, no fundo, sem que ela perceba, seu desejo é o de questionar as estruturas sociais em nosso contexto quanto ao que se espera de uma menina-mulher e, obviamente, transformá-las. A Menina Passarinho são todas as nossas crianças, em sua inocência infantil, clamando por mais asas, mais sonhos, e mais imaginários. Famílias e escolas são responsáveis por dar asas e não as tolher. Ela é feminista e, como tal, nunca desistiu de seus sonhos, pois sabia que, quando damos “asas à imaginação, se constrói coisas de montão”. Inspirada em Frida Khalo quando diz: “para que pés se tenho asas?”, A Menina Passarinho entende que mesmo tendo os pés no chão, o coração pode voar e imaginar um mundo melhor para se viver. É essa também a função da imaginação, permitir que organizemos, pelo simbólico, nossa existência no mundo, aliviando nossa angústia existencial sobre o tempo que passa e a morte que se aproxima (DURAND, 1988). A arte é reflexão, pensamento e ação!

E assim chegamos à festa, porque afinal: É tempo de festa pras





bandas do coração de Nossa Senhora! Salve Maria! Vamos chegar, gente! É tempo de alegria! E a alegria e o riso, também é luta e resistência! Num país onde tudo acaba em festa (AMARAL, 1998), na CTI, não poderia ser diferente. A festa tem sido estudada pelos seus integrantes e sinto-me lisonjeada por fazer parte dessa história contribuindo com meus escritos e reflexões (NORONHA, 2017).

A festa, como nos lembra Perez (2002), não é um simples produto da vida social ou um fator reprodutor da ordem estabelecida. Ela é o ato mesmo de produção da vida. Ainda segundo essa autora, a festa não é somente boa para dela se participar, mas, também, para pensar os fundamentos dos vínculos coletivos e afetivos que constituem a sociedade. A festa é um fenômeno presente no campo do imaginário, do simbólico, do possível, aberta às possibilidades das experiências humanas e nos mais diversos contextos sociais (DUVIGNAUD, 1983). Fazemos festa porque a vida é dura e precisamos enfrentá-la. Como foi difícil ficar sem a festa no auge do distanciamento social provocado pelo vírus da Covid 19. Num país festivo e com manifestações culturais diversas, corpos foram aprisionados, ritmos e sons silenciados. Felizmente, os tempos são outros e com os cuidados protocolares necessários, estamos novamente retomando as festas, os encontros.

É esse o convite que nos faz a CTI. É tempo de louvar os santos, deusas e orixás de todas as crenças. Ruflem os tambores, pois, “É tempo de festa pras bandas do coração de Nossa Senhora!” É a própria Santa que pede pela festa. Ela encomenda a três pessoas comuns que seja preparada a festa de sua coroação e, para isso, eles deveriam fazer um manto azul, uma coroa de ouro e uma canção em sua homenagem. A dureza enfrentada pela sociedade brasileira nesses últimos tempos é representada pela fome, pelo desemprego, pelo vício e pela desigualdade social. “Esse é o Brasil que eu não quero, mas que aconteceu?” Pergunta





um personagem. E o outro: “Brasil, o que foi que te deu?” A devoção a Nossa Senhora surge como uma das possibilidades de enfrentar a realidade desse Brasil que pouco ou quase nada, se sensibilizou com as mortes causadas pelo coronavírus, com o aumento da pobreza, com a volta do país para o mapa da fome e tantas outras mazelas. E a saída vem com a venda de um bode (não por acaso, símbolo da CTI) para um granfino desavisado (quem sabe do agronegócio?) que é ludibriado e levado por sua sede de ganhar mais e mais dinheiro com a urina do animal. É a volta por cima, o povo sabe o que quer e como chegar lá. Nada pode ser tão ruim e durar para sempre. A comunidade se mobiliza, o coletivo se une e celebra suas conquistas. O festejo é realizado. Assim, os laços afetivos são atualizados e o povo, com os corações unidos, canta, dança e saúda o de Nossa Senhora. Esperancemos! Pois, “o Brasil tem jeito” e “é preciso festejar para a vida melhorar”. A arte salva! A arte é vida!

“Viva a Festa! Viva Dominginhos! Viva Patativa do Assaré! Viva J. Borges! Viva Nossa Senhora! Viva o Teatro-Baile!”. Venham todos de lá, de cá e de acolá! Porque o teatro é como sangue, precisa circular!!!!

Abram as cortinas!

Vânia Noronha

Festeira por natureza! Rainha do congado em MG! Vó do Vinícius!  
Professora da PUC Minas!







## REFERÊNCIAS:

AMARAL, Rita C. M. P. Festa a brasileira – sentidos do festejar no país que “não é sério”. São Paulo: USP, 1998 (Tese de doutorado).

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARROS, Manoel de. Ensaaios fotográficos. Rio de Janeiro: Record, 2000.

DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

DUVIGNAUD, Jean. Festas e civilizações. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

NORONHA, Vânia. Rastros de África no Brasil: práticas educativas no Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.

PEREZ, Léa F. Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos Trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). A festa na vida: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

RUIZ, Castor M. M. B. Os paradoxos do imaginário. Sinops: Editora Unisinos, 2003.









# SOBRE O AUTOR

## **Edu Brisa**

É da cidade de Tanhaçu, sudoeste da Bahia, radicado em São Paulo onde desenvolve seu trabalho de artista popular, influenciado pela sua infância no Nordeste. Filho de Maria Madalena e Massu, pai de João e Daniel, companheiro de Mariane, sempre teve o sonho de levar sua aldeia, sua gente comum, para o teatro, e é isso que ele faz desde 2003 na CTI - Cia. Teatro da Investigação.

Quando criança, ouvia Luiz Gonzaga na Divulgadora Municipal de Tanhaçu, que era tramitada nas caixas de som instaladas pelos postes da cidade. E se equilibrando nos trilhos da linha do trem ele sonhava. Ao chegar em São Paulo, buscou conhecimento nas artes cênicas para realizar esse seu sonho de menino.

Autor de A CASA DE FARINHA DO GONZAGÃO, A OLARIA DO JACKSON DO PANDEIRO e CARURU-TEATRO-BAILINHO, Se formou ator em 2001 pelo Teatro escola Macunaíma, estudou dramaturgia com Samir Yazbek em 2004, estudei dramaturgia com Chico de Assis no (SemDA) Seminário de Dramaturgia do Arena, estudei direção Teatral na SP escola de Teatro nos anos de 2011 e 2012 e nesse caminho de estudar e praticar ele se encontra até hoje.

Este livro é sua segunda publicação que traz um texto: “O Homem-Mega-Fone”, desenvolvido pelo autor no Seminário de Dramaturgia do Arena, em 2009, e outros dois textos, “A Menina Passarinho” e “É Tempo de Festa pras Bandas do Coração de Nossa Senhora” desenvolvidos pela CTI num processo de criação coletiva de muita intensidade, troca e potências. A escuta do coletor de histórias, estéticas, estados e tramas é que torna possível escrever em coletivo tendo o privilégio de





trabalhar com Cris Camilo, Harry de Castro, Gustavo Guimarães, Gabii Alves, Samara Neves, Odília Nunes, Bia Nascimento, Fefê Camilo, Val Ribeiro, Cleydson Catarina, Fernando Alabê, Ednaldo Freire, Cida Almeida, Vânia Noronha, Samuel Cabral e Everton Gennari que trazem para o trabalho seus tempos de vida, visão de mundo, diversidade de experiências, generosidade, almas vívidas e pluralidade de vozes que compõem essas dramaturgias e redimensionam a experiência cênica.





# O HOMEM-MEGA-FONE

*Peça teatral de autoria de Edu Brisa, concebido no Seminário de Dramaturgia do Arena, com a orientação do Mestre Chico de Assis no ano de 2009, ganhou em 2019 sua primeira montagem. A peça é um retrato da sociedade injusta na qual vivemos, onde a voz dos mais pobres não ecoa, mas se perde em meio às condições de vida precárias na qual sobrevivem. É uma reflexão sobre as demandas da vida e a busca pela sobrevivência e sem muito o que esperar, os personagens se agarram a uma única esperança de ampliar a própria voz: o MEGAFONE.*

*E qual o preço que se paga? “O Homem-Mega-Fone” foi escrito há dez anos e está mais atual do que nunca. A falta de caráter dos personagens revelam a perversidade intrínseca na sociedade brasileira. A disputa do megafone e do merecimento do mesmo passa por caminhos tortuosos e questionadores de uma visão distorcida do certo e errado. O único personagem mais livre desse “mau-caratismo” é o “Menino-Mega-Fone”, um garoto que tem como herói o “Homem-Mega-Fone” que o ensinou a fazer tudo o que sabe e mais, ensinou que o trabalho de catador é de importância crucial na vida da cidade.*

*Fazer a montagem desse texto nos dias de hoje é abrir espaço para reflexão do que somos enquanto sociedade. O que nos move e o que nos perturba. É abrir caminhos para a conscientização de um mundo injusto e precário que nos domina e que devemos, enquanto seres sociais, criar mecanismos de mudança.*

**Carol Guimarães, diretora**







# SÍNOPSE

A peça retrata a luta pela sobrevivência apresentando um ambiente comum no cenário brasileiro: O trabalho informal dos que transformam o lixo de alguns em pão de cada dia. Em paralelo, O HOMEM-MEGA-FONE abre mão de seu megafone e o carrinho de catador para entrar na disputa das eleições municipais. “Ele quer ser vereador”. Diz ser a voz do povo, a voz de Deus, mas o povo tem sua própria voz.







# FICHA TÉCNICA

## 1ª MONTAGEM

Autor: Edu Brisa

Direção e cenografia: Carol Guimarães

Elenco: Cris Camilo , Edu Brisa , Geovane Fermac, Gustavo G G  
e Harry de Castro.

Atores convidados: Henrique Cardim e Marcos di Ferreira

Direção Musical: Fernando Alabê

Preparação corporal e vocal: Carlos Simioni

Figurinos: A CTI.

Grafite: O Credo

Ilustrações n o Cenário: Stephanie Luna

Design Gráfico : Luis Felipe Macalé

Duração: 80 min

Classificação: LIVRE

Realizou sua primeira temporada de 24 apresentações nos meses de maio e junho de 2019. SEDE CTI- TEATRO-BAILE - Rua Oti, 212  
- Vila Ré - São Paulo-SP



CTI - CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO APRESENTA

# O HOMEM-MEGA-FONE

TEXTO TEATRAL DE AUTORIA DE EDU BRISA, CONCEBIDO NO SEMINÁRIO DE DRAMATURGIA DO ARENA, SOB A TUTELA DO MESTRE CHICO DE ASSIS NO ANO 2009. GANHA AGORA EM 2019 SUA PRIMEIRA MONTAGEM. CONTEMPLADO NO PROAG N° 01/2018.

A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA NO TRABALHO INFORMAL NAS RUAS DE UMA GRANDE CIDADE. EM PARALELO À DISPUTA DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS. COLOCANDO ESSES DOIS UNIVERSOS EM PERSPECTIVA. O HOMEM-MEGA-FONE, DEIXANDO PRA TRAZ SEU MEGAFONE E O CARRINHO DE CATADOR PARA SE CANDIDATAR A VEREADOR, ELE DIZ SER A VOZ DO POVO.

MAS O POVO TAMBÉM QUER TER A PRÓPRIA VOZ.



ELENCO: CRIS CAMILO, EDU BRISA, GEOVANE FERPIAC, GUSTAVO GUIMARÃES E HARRY DE CASTRO  
ATORES CONVIDADOS: HENRIQUE CARDOP E MARCOS DI FERRERA  
DIREÇÃO: CAROL GUIMARIS  
DIREÇÃO MUSICAL: FERNANDO ALABÉ  
PREPARAÇÃO CORPORAL E VOCAL: CARLOS SIMIONI  
ILUSTRAÇÃO DO CENÁRIO: STEPHANE LUNA  
GRAFITE: CREDO  
DESIGN GRÁFICO: LUIZ FELIPE MACALE  
DURAÇÃO: 80 MINUTOS

DE QUINTA A SÁBADO, DE 04 DE MAIO A 29 DE JUNHO.  
(MENOS DIA 24 DE MAIO). HORÁRIO: 20HS

LOCAL: RUA OTI, 212 - VILA RÉ, SÃO PAULO-SP A 5 MINUTOS DA ESTAÇÃO PATRIARCA DO METRÔ. TEL. (11) 2791-1662







Texto concebido no Seminário de Dramaturgia do Arena  
Sob a Tutela do Mestre Chico de Assis.  
Ano 2009.

# O HOMEM-MEGA-FONE

*De Edu Brisa*

PEÇA TEATRAL EM UM ATO

Nº DE CENAS: 18

PERSONAGENS: 07





## CENA 01

### Personagens:

- HOMEM-MEGA-FONE

- MENINO

(O menino está sentado à sombra de uma pilha de papelão. Entra o Homem-mega-fone).

### MENINO:

- Olha só, o tanto de hoje! É que com a chuva que deu molhou tudo quanto foi caixa, daí eles acabaram deixando tudo aí.

### H-M-F:

- Tudo isso?

### MENINO:

- E ainda tem mais lá atrás. É que eu tava dando uma “descançadinha”, mas espera aí que eu já vou buscar o resto.

### H-M-F:

- Não precisa não. Hoje eu não quero nada. Só vim aqui pra ver se consigo vender o “falador”.

(Mostra o megafone).

### MENINO:

- O “falador”? Ta vendendo o “falador”? E como é que vai fazer pra trabalhar?





H-M-F:

- Não vou mais trabalhar. Vou ser vereador. Político mesmo, sabe? Adeus rua! Adeus papelão! Adeus pinto, pirulito, ioiô. Chega dessa vida de trabalhador! Agora só quero é mamar!

MENINO:

- E como é que eu fico?

H-M-F:

-Te vira!

MENINO:

- E o papelão? Hoje foi um dia bom. Vai dar muito dinheiro. Dá pra mamar! Uns dois ou três dias!

H-M-F:

- É pouco!

MENINO:

- Mas como é que ficam as pessoas que gostam de te ouvir no “falador” dizendo coisas engraçadas e alegrando o dia deles. Só você consegue fazer isso. Vereador pode ser qualquer um. Político, político, tá cheio de político. Tem até presidente. Deixa isso lá pra eles. Teu lugar é aqui. “Põe a boca no trombone pra falar de quem tem fome, é o Homem-mega-fone”. Teu lugar é aqui no meio do povo.

H-M-F:

- Vereador! Eu vou ser vereador! Lá de cima fica mais fácil ajudar. Vou te tirar dessa vida! Não vai mais precisar catar papelão.





MENINO:

- Mas quem foi que disse que eu quero? Eu gosto de catar papelão. Gosto de ver quando tem um monte igual ao de hoje, que eu preciso ficar pulando pra pôr em cima. Sempre arrumo bem direitinho um encima do outro. “O livrão, quero ver o livrão quando eu chegar aqui”! Aprendi com você. É disso que eu gosto.

H-M-F:

- É? Então, arruma um dinheiro e compra o “falador” e sai por aí falando essas coisas como eu falei até hoje e vê onde é que você chega. Chega a lugar nenhum. Lugar nenhum. Aí a vida vai passando e você vai perceber que não tem retorno. Tua voz não volta, ela vai e se perde, se perde, se perde. Lá de cima eu vou ser ouvido, visto e respeitado.

MENINO:

Eu sempre te respeitei.

H-M-F:

- Porque eu compro teu papelão. As pessoas me acham engraçado e coisa e tal. Porque eu tiro o lixo da casa delas e ainda lhes dou: pirulitos, pintos e ioiôs! Mas elas de verdade acham que eu sou o lixo. Que fica do portão pra fora. Nunca do portão pra dentro. Sentar no sofá pra assistir a novela ninguém me convida. Só pra catar o lixo. “Não se esqueça de passar lá em casa amanhã em!”

(Pausa)

- Então tem dinheiro aí? Preciso comprar um terno pro comércio. Amanhã eu subo no palanque!





MENINO:

- Trabalhei aqui o dia inteiro esperando você trazer o dinheiro pra eu levar o pão pra casa. Vim a pé pra voltar de ônibus. Agora o que eu faço com esse papelão? Se chover mais, vai derreter tudo!

H-M-F:

- Vamos fazer o seguinte: eu deixo o “falador” contigo. Deixo meu trecho de herança. Amanhã você faz o trecho completo. Se fizer completo dá um bom dinheiro, que amanhã tem muita tranqueira. Sempre tem. No fim do dia você me dá a grana pro terno e fica com o “falador”. Hoje, volta pra casa a pé. De amanhã em diante quem sabe!

MENINO:

- E o papelão de hoje? O que eu faço com esse livro?

H-M-F:

- Deixa aí que alguém leva embora. Amanhã é outro dia!

MENINO:

- Vai derreter tudo e entupir o bueiro. Nosso trabalho é impedir o entupimento dos bueiros. É limpar, reciclar, preservar... a natureza...

H-M-F:

- Deixa esse discurso pra amanhã que você fatura mais. A cidade aguenta. Uma entupida a mais, uma entupida a menos, foda-se. Deixa de ser careta. Segura o “falador” e poupa essa voz pra amanhã.

(Sai)

(O menino torna a sentar-se à sombra da pilha de papelão e segura o megafone com as duas mãos).





## CENA 02

Personagens:

- MENINO
- MÃE DO MENINO
- PAI DO MENINO

(Dia seguinte. O menino está dormindo ao lado da pilha de papelão abraçado ao Megafone. Entram: Pai do Menino e Mãe do Menino.)

MÃE DO MENINO:

- Tá aí! Graças a Deus!

PAI DO MENINO:

(Acordando o Menino)

- Oh! Acorda aí. Não tem casa não?

(Pausa)

- Que novidade é essa?

MENINO:

- Ôpa!

PAI DO MENINO:

- Por que não foi pra casa?

MENINO:

- Não tive dinheiro pra ir embora. O papelão tá todo aqui.

MÃE DO MENINO:





- Porque não foi a pé? Dormiu com fome? Eu esquentei a janta não sei quantas vezes, pensando que já tava chegando, que já tava chegando, que já tava chegando e nada. Não preguei o olho essa noite.

MENINO:

- Fiquei aqui tomando conta do...

PAI DO MENINO:

- O que aconteceu com o homem lá? Não veio buscar o papelão por quê? Vai te deixar no prejuízo?

MENINO:

- O Homem-mega-fone agora vai ser vereador. Não quer mais saber de papelão, ferro velho, nada disso. Deixou aqui o “falador” em troca de eu dar o dinheiro pra ele comprar um terno pro comício de hoje.

MÃE DO MENINO:

- De onde é que você vai tirar esse dinheiro? Pelo amor de Deus!

MENINO:

- Ele deixou o trecho dele pra mim. Vou fazer o “cata” hoje e junto com esse daqui de ontem e dou tudo pra ele comprar o terno.

PAI DO MENINO:

- E você vai saber falar nesse troço aí? Isso não é assim não. Se não falar direito não arruma nada.







MÃE DO MENINO:

- Meu Deus do céu! A gente tinha o dinheiro certo todo dia. O “Seu” Megafone pagava direitinho. Mesmo agora com preço baixo como tá, ainda dava pra viver. Agora esse menino arrastando essa carroça “periga” da gente morrer de fome.

PAI DO MENINO:

- Se acalma! Se acalma! Como é que é, sabe falar no “falador” ou não?

MENINO:

- Mais ou menos. Treinando eu fico bom logo. Eu não tenho medo de falar não. Se for pra falar eu falo mesmo.

PAI DO MENINO:

- Então fala aí que eu quero ver.

MENINO:

(Falando no megafone)

- É... É... É, é...

PAI DO MENINO:

- Desembucha!

MENINO:

- Um... Um, dois...

PAI DO MENINO:

- Vamo! Que isso aqui não é aula de matemática não. Como é?





Fala ou não fala? Se não fala, fala logo.

MENINO:

- Eu falo (Ao megafone) Papelão, alumínio, sucata não jogue na rua, está passando o Homem-mega-fone que limpa sua casa e lhe dá a recompensa: Pinto colorido, pirulito e ioiô! Escolha o seu, por favor.

PAI DO MENINO:

- Falou bem. Não tá ruim não. E é bom falar que é o Homem-mega-fone mesmo...

MENINO:

- Mas foi sem querer é que eu me atrapalhei.

PAI DO MENINO:

- Mas é bom falar, assim ninguém estranha e você fatura mais. Qualquer coisa diz que ele foi na frente e você é ajudante dele... Assim, garante a freguesia.

MENINO:

- Mas eu não sou ele. E depois com é que fica quando todo mundo souber que o Homem-mega-fone é vereador. Eu vou ficar de mentiroso.

PAI DO MENINO:

- Melhor mentiroso que sem dinheiro. E depois, como é que vai fazer pra honrar o compromisso com o homem. No fim do dia, ele vem buscar o dinheiro do terno. E aí? Vai faltar com o homem que sempre te





ajudou?

MENINO:

- Pode deixar comigo.

MÃE DO MENINO:

- Lá em casa tem o terno do teu pai. Do casamento. Tá guardado faz muito, mas eu lavo ele hoje e fica cheiroso de novo. Será que dá negócio?

PAI DO MENINO:

- E se o dinheiro for pouco?

MÃE DO MENINO:

- Melhor perder um pouco do que perder tudo.

PAI DO MENINO:

- É. Perder um pouco só, não é ruim não.

(Para o menino)

- Você acha o quê? Será que nós temos assim o mesmo tamanho? É. Porque se não servir não dá negócio. Então, será que serve?

MENINO:

- Não entendo de terno não.

MÃE DO MENINO:

- Se não servir a gente dá um jeito. Costurar eu sei.

MENINO:





- Não. É melhor comprar o terno novo. O homem quer ser vereador e o terno é importante pra isso. Sem um terno que preste o homem não ganha a eleição e vai falar que a culpa é minha. Aí eu é que fico de mentiroso.

MÃE DO MENINO:

- E você por acaso entende de terno? Ou de vereador? Ou do que quer que seja?

PAI DO MENINO :

- Tá decidido. No fim do dia tua mãe vem aqui trazer o terno e pegar o dinheiro. O terno vai tá cheirosinho, ele vai pensar que saiu da loja. Agora vamos embora, senão esse terno não seca hoje.

(Para o menino)

- Mete a boca no trombone!

MÃE DO MENINO:

- Vê se trabalha direito. É nossa chance de mudar de vida! Fica com Deus! (Os dois saem. O Menino começa a arrastar a pilha de papelão pra fora).

CENA 03

Personagem:

- MENINO

MENINO:

(O menino na ativa. Puxa o carrinho de sucata, quase sem agüentar. Ao megafone)





- Bom dia, dona de casa! Bom dia, dona Maria, dona Luzia, dona Sofia. Bom-bom, bom dia! E atenção: O Homem-mega-fone pendurou as chuteiras. É isso mesmo, sai o Homem-mega-fone e entra em campo o mega-foninho: Eu! No esquema tático, não muda nada. A senhora entra com o papel, papelão, ferro-velho, sucata, panela furada, tampa de privada, latinhas, garrafas e etc. e etc. e mais etc. E eu, entro com o pinto colorido, ioiô e pirulito. É um pra lá, outro pra cá. Se reciclou, reciclou. Se não reciclou, vem reciclar. Aqui a panela furada vira pirulito! A carcaça da tábua de passar vira pinto no um, dois, três e já! É a reciclagem instantânea. Traz a grade do fogão que antes do três vira ioiô na minha mão! Papel, papelão, sucata... Está passando na sua rua... E atenção: Repetindo: O Homem-mega-fone pendurou as chuteiras.É! Agora ele vai ser vereador! É a voz do povo lá nas alturas. Esse é bom de votar. Homem-mega-fone! Com ele a coisa vai melhorar. Com ele é limpeza! Quem sempre carregou a bandeira do verde? Quem? Quem sempre está a favor da preservação, da reciclagem e das ruas limpas? Quem? Quem? Ele o Homem-mega-fone! Quem fala a verdade não mente, Homem-mega-fone! Com ele não há sujeira que aguento! Um pra lá outro pra cá. Não deixa de separar seu lixo que eu não deixo de vir buscar! Homem-mega-fone! Esse é bom de votar! Não é ruim não!... Está passando na sua rua o Mega-foninho... Papel, papelão, sucata...

CENA 04

Personagens:

-MÃE DO MENINO

-MENINO

-HOMEM-MEGA-FONE





MÃE DO MENINO:

(A mãe do menino o espera com o terno nas mãos. O menino entra).

- Que demora foi essa? Tá de chegar o homem aqui e me pegar com a boca na botija. Demorou demais. Achei até que...

MENINO:

- Azul? Terno azul?

MÃE DO MENINO:

- E tem cor melhor que azul?

MENINO:

- Isso não vai dar certo. O combinado era eu dar o dinheiro. Ele vai estranhar esse negócio. Ainda mais esse terno azul.

MÃE DO MENINO:

- E tem cor melhor? O Roberto Carlos só usa terno azul. Azul é a melhor cor. É... “o cata” deu alguma coisa?

MENINO:

- Quase nada. Uma moeda ou outra. Só.

MÃE DO MENINO:

- Moeda ou outra?

MENINO:

- É. A coisa tá feia.





MÃE DO MENINO:

- Deixa eu ver. Cadê?

MENINO:

- Eu vou dar pro homem isso aqui. Ele disse que desse o que desse, “tava” bom. Assim ninguém tem prejuízo.

MÃE DO MENINO:

- Mostra aí. Tem que ver se isso dá negócio. Se Não der negócio a gente nem entra nessa.

MENINO:

- Hoje não foi bom, mas depois melhora. Vai. Leva o terno que eu me entendo com o homem.

MÃE DO MENINO:

- Põe o dinheiro aqui na minha mão.

(Pegando o dinheiro)

- Tá pensando o quê?

MENINO:

- Isso não vai dar certo. Ele não cai nessa não.

MÃE DO MENINO:

- Opa! Tava escondendo o ouro é? Prefere ajudar os outros que a tua família? É? Agora “vamo” melhorar de vida! O negócio não é ruim não. É bom! Graças a Deus! Viva o Homem-mega-fone!





H-M-F:

(Entrando)

- Viva!

MÃE DO MENINO:

- Ô seu mega-fone! Não morre mais. Vereador! Nosso vereador!  
Quando ele me disse não acreditei. Será? Será que vai chegar a nossa vez?

H-M-F:

- É chegada. É chegada a hora e a vez. Eu vou virar a pirâmide social de cabeça pra baixo!

MÃE DO MENINO:

- Eu viro junto. Eu viro junto! Olha o terno.

H-M-F:

- Mas, o combinado era outro.

MENINO:

- É. Então, eu disse.

MÃE DO MENINO:

- Disse. E quando ele me disse que o senhor precisava de um terno de vereador, eu fiz questão de ir comprar. Passei o dia todo escolhendo. Afinal, homem não tem jeito pra essas coisas. Olha que terno!

H-M-F:

- Azul?







MÃE DO MENINO:

- E tem cor melhor pra um vereador?

MENINO:

- É. Foi do Roberto Carlos.

H-M-F:

- Então é terno usado?

MÃE DO MENINO:

- Não. O que é isso? É o modelo que é igual. O menino não sabe o que diz. Tinha lá de tudo quanto é modelo e de tudo quanto é cor. Mas eu bati o olho nesse e vi que esse aqui chama voto. Vai ser uma chuva de voto.

H-M-F:

- A senhora vai me desculpar, mas vou querer trocar o terno. Vamos lá na loja que eu mesmo escolho. Sabe como é. Eu quero um terno preto. Meu sapato é preto, as meias são pretas e o terno tem que ser preto.

MENINO:

- É que a loja já deve tá fechando.

H-M-F:

- Então, “vamo” correr.





MÃE DO MENINO:

- Mas é lá do outro lado da cidade.

H-M-F:

- Perna pra que te quero!

MENINO:

- Eu to morto! Andei o dia inteiro. Não aguento correr não.

MÃE DO MENINO:

- E no mais, até a etiqueta caiu. Assim eles não trocam.

H-M-F:

- Então o problema é de vocês. Passa o “falador” pra cá.

MENINO:

- Eu sabia. Enfrentei o trecho todinho sem conhecer direito, não parei nem pra tomar água. E agora depois de tudo, o senhor desfaz o negócio? Toma aqui o seu “falador”. Não preciso disso não.

MÃE DO MENINO:

- O que é isso menino?

H-M-F:

- Deixa ele.

MENINO:

- É isso mesmo. Vai ser vereador vai. Deixa a gente aqui em paz.





H-M-F:

- O que é agora? Vai cuspir no prato que comeu? Essa mão aqui sempre te ajudou.

MÃE DO MENINO:

- A gente sabe disso. Não liga pro menino não. É a falta de costume. Ele trabalhou muito hoje.

MENINO:

- Eu trabalho muito todo dia. E essa mão aqui, também sempre esteve estendida pro senhor. Uma mão lava a outra. Agora, se não quer o terno deixa ele aí. Pior pro senhor.

H-M-F:

- Pior por quê?

MÃE DO MENINO:

- Porque esse terno é um terno bom. Esse terno é...

MENINO:

- “Benzido”. É. O terno é “benzido”.

MÃE DO MENINO:

- É! Então, eu não queria falar nada pensando do senhor não acreditar na reza.

MENINO:

- Mas eu sei, que o senhor não vai fazer pro santo a mesma des-





feita que fez pra nós. O terno foi “benzido” e vai chover voto. Mas se não quiser deixa ele aí.

H-M-F:

- Sendo assim, dá pra cá esse terno. Azul! Azul é bom! Não é ruim não. No sapato e na meia eu dou um jeito. Que chova os votos! Toma o “falador”. E vê se esquece essa besteira, falei da boca pra fora. Nunca que ia desfazer o negócio.

MENINO:

- Quem bate esquece rápido. Já quem apanha não.

H-M-F:

- “Vamo” deixar disso. Pega o “Falador” e não se fala mais nisso.

MENINO:

- Nunca precisei de “falador” nenhum pra viver. Leva isso daqui. Vai ser vereador. Vai.

MÃE DO MENINO:

- Dá pra cá esse “falador”. Pode ir tranquilo que com o Menino eu me entendo.

(o Homem-mega-fone sai. Pro Menino)

- Pega esse diabo desse “falador” e não abre esse bico.

(Eles saem)

CENA 05

Personagem:





- HOMEM-MEGA-FONE

H-M-F:

(Vestindo o terno)

- Terno azul! Tudo azul... Vereador! Será?... Vida de vereador deve ser boa. Deve ser. Senão ninguém ia querer. Vereador faz o que será hiem?... Promete. É isso! É subir no palanque e prometer... eu prometo! Que daqui pra frente... “tudo vai ser diferente”... O quê que eu posso prometer?... Prometo... Prometo... Prometo... Que ou chova ou faça sol eu vou lutar para que todos... Para que todos... Para que... Vamos tirar esse “prometo”, vamos colocar “comprometo”. Eu me comprometo com todos... Todos. Isso. Todos é bom. Não é ruim não. Eu me comprometo com todos os... Será? Será que eu posso já ir me comprometendo assim? Não. Melhor não. Eu prometo! Isso. Prometo. Pronto. Tá prometido... Palanque não deve ser difícil não. Eu falo noite e dia aí nas ruas. Deve ser a mesma coisa... Não é que o terno ficou bom. Não ficou ruim não. Mas o sapato vai ser o preto mesmo. Se entrar algum, no próximo eu compro um sapato azul. Azul? Será que tem?... É, mas hoje eu vou só subir no palanque. Eles só vão deixar eu falar, só no próximo. É subir e acenar. Ninguém vai ver meu pé. Só a mão... Seja o que Deus quiser! Com esse terno eu tô protegido. O Menino mandou bem... vai ser dureza resolver o negócio do “falador” com ele. Vai ser difícil! Não vai ser fácil não!... É isso mesmo. Sem sacrifício, sem sucesso! Bom, já tô devidamente “internado”. Vamos ao palanque!

(Sai).

CENA 06

Personagens:

- MENINO





- HOMEM-MEGA-FONE

- MÃE DO MENINO

MENINO:

(O menino na ativa. Puxa o carrinho de sucata, quase sem agüentar. Ao megafone) - Êh uma no cravo e outra na ferradura! Êh vida boa! Êh vida dura! Não se esqueça de separar o lixo. Cada coisa no seu lugar. Pau é pau e pedra é pedra. Papelão é papelão. Lata é lata. Vidro é vidro. E sucata é sucata. Separa aí, que nós cata! ... E não se esqueça de votar no nosso vereador! O Homem-Mega-Fone! Esse mete a boca no trombone! Ele defende os que têm fome. Vote nele. Vote no homem!... Homem-Mega-Fone esse é bom de votar! Não é ruim não!... Aqui eu encerro meu expediente. Não é pra ficar triste. Amanhã tem mais minha gente. O “falador” não se cala. Ele descansa. Eu também sou filho de Deus! – papel, papelão, sucata... Não jogue na rua. Separa aí que nós cata!

(Entra o Homem-mega-fone).

H-M-F:

(Tomando o Carrinho de sucata das mãos do menino)

- Deixa que eu levo isso.

MENINO:

- Deu saudade?

H-M-F:

- Passei minha vida toda aqui.





MENINO:

- Mas cuidado pra não sujar o terno.

H-M-F

Se sujar a gente lava.

MENINO:

- Não pode! Se lavar a reza sai. O terno tá “benzido” e só pode lavar depois da posse.

H-M-F:

- E é?

MENINO:

- É. O que foi prometido pro santo tem que ser cumprindo.

H-M-F:

- Pode deixar comigo. Palavra dada, palavra cumprida. Como tá a vida aqui? Tá dureza?

MENINO:

- Sem sacrifício, sem sucesso! E o comício? De vento em “popa”?

H-M-F:

- Foi, foi... De vento em “popa”! E aqui?... Alguém perguntou por mim?

MENINO:

- Ninguém esquece o Homem-Mega-Fone. Quando eu digo





que o Homem-Mega-Fone vai ser vereador, sempre escuto: ”meu voto é dele”, ”meu voto é dele”, ”meu voto é dele”. Com esse terno aí não tem pra ninguém!

H-M-F:

- Deus te ouça! E... Tá sabendo falar direito aí?

MENINO:

- Devagarinho eu chego lá. O “falador” trocou de mãos, mas as coisas que eu falo aprendi com quem? Hã? Assim ninguém estranha e eu vou seguindo. Daqui a pouco eu fico bom pra valer e faço meu nome também. Agora que o “falador” é meu eu vou com tudo.

H-M-F:

- É... Não é bem assim não.

MENINO:

- Não? Como não?

H-M-F:

- É... Vou ter que levar o “falador”.

MENINO:

- Levar?

H-M-F:

- É.







MENINO:

- Levar pra onde? Vai voltar atrás no negócio? Agora que já usou o terno?

H-M-F:

- Calma. Vou levar, mas garanto que ele volta pra tua mão. É só fazer o que eu falar.

MENINO:

- Mas o combinado era outro. O negócio já foi feito.

H-M-F:

- Mas acontece que o “falador” é da comunidade e pra ficar com ele, tem que ganhar no “gogó”. Já estão falando que eu furei o esquema, que o “falador” não pode ser vendido, trocado e nem emprestado. E eu não posso ir contra a comunidade. Muito menos agora.

MENINO:

- Se não podia ser negociado, porque negociou? Agora te vira.

H-M-F:

- Te vira? Te vira você. O “falador” vai comigo. E se quiser ver ele de novo. Vai lá amanhã e ganha.

MENINO:

- Ganhar como?

H-M-F





- É só fazer o que eu falar.

MENINO:

- Falar? E eu lá vou acreditar nessa conversa de vereador. Sai pra lá!

H-M-F:

- Se é assim, me dá aqui o “falador” e toma esse Carrinho... Ah! A disputa é amanhã, no fim do dia. Se chegar atrasado perde a vez.

MENINO:

- Pode deixar. E vê se não lava o terno viu! Porque o santo...

H-M-F:

- Pode deixar.

(Sai).

MENINO:

- Alegria de pobre dura pouco.

(Entra a Mãe do menino).

MÃE DO MENINO:

- Como foi hoje?

MENINO:

- Não foi.





MÃE DO MENINO:

- Como não foi?

MENINO:

- Não foi não indo.

MÃE DO MENINO

- Que cara é essa? Olha aí o carrinho cheio. Bora se animar!

Como é!?

MENINO:

- O “falador”.

MÃE DO MENINO:

- O que é que tem?

MENINO:

- Já era.

MÃE DO MENINO:

- Roubaram? Pelo amor de Deus! Pega-ladrão! Pega-ladrão!

MENINO:

O Vereador levou embora.

MÃE DO MENINO:

- Levou embora?





MENINO:

- É. Ele agora deu pra isso. Quando era só o Homem-mega-fone ele era outro.

MÃE DO MENINO:

- E agora? “Vamo” pegar o terno de volta.

MENINO:

- Vai lá. Nem de terno eu gosto.

(Pega o carrinho)

- “Vambora”! Que o dia ainda não acabou.

(Ele sai a Mãe do Menino sai atrás).

CENA 07

Personagens:

- HOMEM-MEGA-FONE (O JUIZ)

- MÃE DO MENINO

- PAI DO MENINO

- MENINO

- DESAFIANTE 1

- DESAFIANTE 2

- DESAFIANTE 3

(O Desafio do “falador”)

H-M-F:

(Ao megafone)

Um, dois, três e já!

Quem tá pronto, tá pronto;





Quem não tá, não tá;  
Chegou a hora, o jogo vai começar;

Aqui não cabe choro melas;  
E não basta só saber falar;  
Não adianta inventar dor;  
Ou tontura ou desmaiar;

Pra levar o “falador”;  
Não adianta ser doutor;  
Tem que ser bom de improvisar;  
Pedalar com um pé nas costas;  
Chupar cana e assoviar!

PAI DO MENINO:

(Entrando com o Menino e a Mãe do Menino. Para o menino)

- Fica tranquilo, que aqui não tem ninguém pra ganhar de você.  
Afinal você é aprendiz do homem aí. Vê se faz direito, que eu quero levar esse danado desse “falador” pra casa de uma vez.

MENINO:

- O homem me deixa com essa batata na mão, agora eu que tenho que me fu...

PAI DO MENINO:

- Cala essa boca! Pode parar de reclamar. Guarda a saliva pra hora certa.





H-M-F:

Seis horas;

É hora da Ave Maria;

Quase de noite, quase de dia;

É hora de começar;

Pega aqui o “falador”;

Aquele que o sorteio mandou;

Ser o primeiro que vai falar.

(Entrega o “falador” ao Desafiante 1).

D1:

Dá aqui na minha mão:

Esse danado falastrão;

(Ao megafone)

Pra ampliar a minha voz;

Vosso reino venha a nós!

Trabalho com muito afinco;

Falo a verdade, não minto.

Ouçã bem o que vou falar;

Na minha mão é mais barato;

O que eu vendo não dá no mato;

Aqui não se olha o sapato;

Daquele que vem comprar.

Carteira de identidade, CPF, título de eleitor e CNH;

Aqui tem Passaporte;

Válido até na América do norte;





Você pode acreditar.

Pra quem comprar um diploma de médico;  
Dentista, Engenheiro, Professor ou Artista;  
Leva de brinde o diploma de Jornalista.

A procedência é garantida.  
Tem o carimbo oficial;  
Papel timbrado e assinatura;  
Aqui não tem frescura;  
Faculdade seja pública ou privada;  
A formação terceirizada;  
É bem mais fácil de acompanhar;  
Não precisa matar aula e nem a aula te matar;  
Aqui, é no toma lá dá cá.

Com esse documento na mão;  
Não precisa mais nada não;  
Acabou sua aflição;  
É aposta certa de ganhar;  
A porta vai se abrir antes mesmo de bater,  
Leva um, você vai ver, o respeito acontecer;  
A coisa vai melhorar.  
(Entrega o “falador” ao Homem-mega-fone)

MENINO:

- Agora eu quero ver. Não tem ninguém bom não, não é?





PAI DO MENINO:

- Cala essa boca!

H-M-F:

(Ao megafone)

Esse foi só o primeiro;

Não adianta desespero;

Não vale sair no meio;

Tá com medo? Porque veio?

Nessas eleições vote Homem-mega-fone.

É a voz do povo, é a voz de Deus!

(Entrega o “falador” ao Desafiante 2)

D2:

(Ao megafone)

Há quem diga que eu não presto;

É por não ligar pro resto;

Que nunca penso em desistir;

Meu negócio é honesto;

Isso eu posso garantir.

Meu lucro bem que é pouco;

Mas eu que não sou louco;

Sempre digo por aí:

Melhor lamber que cuspir.

Peço aos presentes que prestem atenção;

Pois falo de coração.







Um é cinco e três é dez!  
Saio na ponta dos pés;  
Pro rapa não me pegar.  
Aqui tem lançamento;  
Tem pré-lançamento e pré-pré-lançamento!  
O filme do momento ainda não tá no cinema;  
Mas aqui eu tenho um esquema;  
É “facinho” de arranjar.

Se precisar “tamos” aí;  
Dando defeito eu troco na hora;  
Isso se eu não tiver ido embora;  
Isso se eu não tiver correndo;  
Mesmo morto de medo;  
Se tiver quem compra, eu vendo;  
Entre um grito e outro de: “olha o rapa”;  
Eu vou sobrevivendo.  
(Entrega o “falador” ao Homem-mega-fone)

MENINO:

- Desse aí eu ganho.

MÃE DO MENINO:

- Deus te ouça!

PAI DO MENINO

(Para o Menino)

- Se não ouvir, quem vai ouvir é você.





MÃE DO MENINO:

- Presta atenção lá. Que depois desse é ele.

H-M-F:

(Ao Megafone)

- E não esqueçam, nessas eleições vote: Homem-Mega-Fone –

A voz do povo!

Eu vou deixar aqui um aviso;

Pode logo dizer amém;

Pode dizer aleluia;

Quando eu for eleito vereador;

Digo “ao rapa”, por favor, vai-te daqui de mala e cuia.

Comigo “o rapa” não se cria;

Comigo “o rapa” é pé na estrada;

Chega de tomar nossa mercadoria;

Chega de tomar porrada;

(Ele é ovacionado pelos presentes).

Que se aproxime o próximo.

(Entrega o “falado” ao Desafiante 3).

D3:

(Ao Megafone)

Vi que o jogo tá duro;

Como não tenho medo de apuro;

To pronto pra encarar.

Ganho a vida dentro do trem;

Num eterno “vai-vem”;

Pulando de vagão em vagão;





A mercadoria eu levo na mão;  
E não falta quem quer comprar.

Cada dia é um produto;  
Aqui é na base da confiança;  
Mas só sai o que é barato;  
Quando não morro eu mato;  
A saudade – e a fome - da mulher e das crianças.

Não pense que vou chorar;  
Que não tenho tempo pra esses luxos;  
O que eu tenho são bocas pra alimentar;

De vagão em vagão;  
Vou defendendo meu pão;

No país do futebol eu nasci perna-de-pau;  
Aprendi a rebolar nesse país do carnaval;  
Dez por um real;  
Quem não compra passa mal;  
(Entrega o “falador” ao Homem-mega-fone)

H-M-F:

(Ao Megafone)

- Homem-Mega-Fone – A voz do povo! Vote certo!

MENINO:

- Sei não, viu.





PAI DO MENINO:

- Pois é bom saber. Porque se não ganhar isso aqui, como é que vai ser daqui pra frente?

MÃE DO MENINO:

- Pelo amor de Deus! Nem brinca.

H-M-F:

Eu tenho cara de indigente, mas agora vou ser vereador e em um dia presidente;

Caranguejo anda pra trás;

Homem-mega-fone, anda pra frente;

O seu voto é o que eu quero;

Eu prometo pro “baguele”,

Uma boca cheia de dente;

(Ele é ovacionado pelos presentes).

Vote Homem-mega-fone! Esse é bom de votar!

(Para o Menino) Segura aí o “falador” e manda ver.

MENINO:

- Falou a voz do povo! Vote nele. A voz do povo é a voz de Deus!

Eu não tenho o que dizer.

(Fica em silêncio).

H-M-F:

- O que deu nele?

PAI DO MENINO:

Isso eu não sei. Mas pelo sim, pelo não, vou tomar minhas pro-





vidências.

(Sai. A Mãe do menino sai atrás).

D3:

- Sai fora moleque! Deixa isso aqui pra quem sabe.

D1:

- Desocupa. Desocupa!

D2:

- Dá a chupeta pro neném não chorar!

D1:

- Cuidado que quem não sabe segurar o “falador”, mija na cama!

D3:

- Se não “guenta”, peida!

H-M-F:

- Deixa o Menino. Ele ta na vez dele.

(Para o Menino)

- Fala.

MENINO:

- Falo! Falo que o quase vereador; Já disse pra minha mãe: “O filho seu é filho meu”. E agora me põe nessa enrascada. Comprei, paguei e não posso levar. Que assim seja. Pois: A voz do povo é a voz de Deus!

(Ouve-se uma sirene).





PAI DO MENINO:

(Entra correndo)

- Olha “o rapa”!

MÃE DO MENINO:

(Logo atrás)

- Corre! Já pegou um ali. Corre! Olha “o rapa”!

PAI DO MENINO:

- Olha “o rapa”!

(Correria geral. Para o Menino)

- Vamos cair fora com esse “falador”. Ele é nosso. - Vamos.

(Saem. Ficam em cena apenas HMF e D1).

H-M-F:

- Corre! Corre! Quando eu for eleito tudo isso vai acabar! Corre!

Corre!

D1:

- Como é seu mega-fone? É assim agora, é? Esse moleque vai levar o “falador” na mão grande?

H-M-F:

- Vai embora que o rapa tá vindo aí.

D1:

- Eu quero saber do “falador” como vai ficar?





H-M-F:

-’Vamo” fazer a re-disputa. Assim que der a gente faz. Mas eu já vou te dizer que você ganha. Ganha! Pelo que eu vi hoje não tem pra ninguém. Você é o meu preferido. E tem mais você merece! Agora te manda que lá vem “o rapa”.

D1:

- Só quero ver heim. Se não tiver a re-disputa o bicho vai pegar.  
(Sai).

H-M-F:

(Ele fica só em cena. Fingindo que o rapa entrou em cena)

- Não toque em mim, por favor, eu sou vereador... Praticamente!

(“O rapa” entra em cena. Ele acuado)

- Quando eu for eleito o Rapa vai ter plenos poderes. É pra baixar o cacete. Camelô só no camelódromo. Se pegar na rua pode descer a borracha! E a mercadoria apreendida pode levar pra casa. Vai ser tudo liberado. Pra você que é do Rapa, vai aumentar o salário e a mamata!

(Sai).

CENA 08

Personagens:

- MENINO
- D 1
- D 2
- D 3





MENINO:

(O menino em mais um dia de “cata”, puxando o carrinho. Ele olha pros lados como quem corre perigo. Pega o “falador” que está escondido no carrinho, embaixo do papelão. Continua assustado).

- Está passando na sua rua...

(Silêncio)

- Papel, papelão, sucata...

(Silêncio)

- Bom dia dona de casa... Pode ir trazendo tudo pro portão... Só vou falar uma vez pra não cansar o ouvido de vocês...

D2:

(Em off).

- Tá vindo daquele lado!

(O menino entrega o “falador” pra uma pessoa da plateia. Entram Desafiante 01, Desafiante 02 e Desafiante 03)

- Não disse!

MENINO:

- Ai meu Deus do Céu!

D1:

- Deus do céu? Deus do céu é? Cadê o “falador”? “Vamo” levar ele. Vai ter que ter a “re-disputa” do “falador”.

D3:

- É. “Re-disputa”!







D2:

- Isso mesmo. Re-disputa! Cadê o danado?

MENINO

- Não sei de “falador” nenhum não.

D3:

- É bom começar, a saber, senão o bicho vai pegar pro teu lado. Todo mundo viu. No meio da bagunça, quem tava com o danado? Em? Quem?

MENINO:

- Eu saí correndo e deixei tudo pra traz. O rapa deve ter levado.

D2:

- Que rapa, rapaz. Vamos logo, senão vai ser pior. Não vai pensando que vai levar assim na mão grande não. Se quer levar, ganhar no “gogó”.

D1:

- Será que não tá aqui, no meio do papelão.  
(Eles reviram tudo. Tiram todo o papelão e deixam o carrinho com as rodas pra cima).

MENINO:

- Orra! Não faz isso não. Deu mó trabalho. Arrumei tudo direitinho, aí.





D3:

(Para o Desafiante 02)

- Tu não disse que ouviu?

D2:

- Ouvi.

D3:

(Para o menino)

- Ele acabou de ouvir o “falador”. O que é? Tu é mágico, moleque? Enfiou aonde essa porra!

(Dá uns cascudos no menino).

D2:

- Deixa o moleque. Vai bater em de menor? Isso dá uma encrenca da porra. “Vambora”.

D1:

- “Vambora”. “Vambora”. “Vambora”.

D3:

- Se eu te pegar falando nessa porra tu tá fudido. Seu “arrombadinho” do caralho!

(Os três saem)

MENINO:

(Arrumando a bagunça)

- Fila-da-pu... Um dia eu vou crescer e quero ver quem vai me bater... Bagunçou tudo! ... Vai tomá no... Tudo por causa dessa merda





desse “falador”. (Para a pessoa que escondeu o “falador”)

- Não quero essa merda também mais não.

(Termina de arrumar tudo)

- Me dá esse “falador” aí. Se eu chegar em casa sem ele, aí eu tô

frito

(Pega o carrinho)

- Ôh! Vida mais ou menos!

(Sai).

#### CENA 09

(Procurando o Menino. Todos em cena Simultaneamente).

Personagem:

- MÃE DO MENINO

- HMF

- D1

- D2

- D3

MÃE DO MENINO:

(Entrando)

- Onde é que se enfiou esse menino? Não tá lá. Não tá cá. Não tá acolá... Vou esperar essezinho aqui. Uma hora ou outra ele tem que passar por aqui. Tá pensando o que? Já tem uma semana que não fatura uma moeda. Tem dois dias que não volta pra casa... Onde é que ele se enfiou, meu Deus! Deve de tá é jogando bola... Só quero ver que estória ele vai contar hoje. Se ele ta jogando bola, eu já sei onde ele tá.





H-M-F:

- Cadê esse Menino? Meu Deus do céu! Esse terno tá me pini-  
cando. Esse “desgramado” sumiu. Tá difícil a vida viu. Pensei que ia ser  
só mamão com açúcar, mas até a eleição vai ser dureza... Não tem mais  
onde procurar.

D2:

(Entrando)

- Seguro morreu de velho. Onde se enfiou esse filho da puta!  
Quero pegar logo esse troço e dá no pé. Nem que seja embaixo da saia  
da tua mãe, mas eu te pego.

D1:

(Entrando)

- O que é do homem o bicho não come. Nem vem com esse ne-  
gócio de dividir. É cada um por si. Eu que não sou besta, já vou na fren-  
te. Cadê esse “disgramado”. Não escuto nada. Que cacete! Eu te acho!  
Oh, se acho!

D3:

(Entrando)

- Farinha pouca, meu pirão primeiro. Quero ver quem vai ficar  
com esse danado. Vou dar só uma “chapuletada” nesse moleque que ele  
vai levar três dias pra achar o caminho de casa. Pego o falador e me pico!  
Há, pego!

CENA 10

Personagens:

- D1





- D2

- D3

D1:

- Opa!

D2:

- Opa!

D3:

- Opa! Colé?

D2:

- Colé, o que?

D3:

Sei lá.

D1

- Tão atrás do “falador” é?

D2:

- Que Mané atrás!

D3:

- Nunca precisei disso.

D1:

- Nem eu.





D2:

- Então, falô!

D1:

- Falô!

D3:

- Falô!

(Os três saem).

CENA 11

Personagens:

- D3

- HOMEM-MEGA-FONE

H-M-F:

- E aí? Nada dele?

D3:

- Virou fumaça. Mas eu quero mesmo é o “Falador”.

H-M-F:

- Vai ser teu. Já não te disse. Agora é preciso dar um jeito naqueles outros dois. Fica de olho neles. Você é pai de família é merecedor. Agora aqueles dois lá não são flor que se cheire. São dois “farinha perdida”.





D3:

- Pode deixar comigo. O que é deles tá guardado.

H-M-F:

- Mas você tem que esperar. Assim que eu for eleito o “falador” é teu. Pode confiar.

D3:

- Eu confio... E tu não tira mais esse terno não?

H-M-F:

- Deixa passar a eleição. Eu tenho que manter a compostura.

D3:

- Mas se lavar, a compostura fica melhor, não fica não? Nem que for o cheiro, melhora.

H-M-F:

- Fica na tua, que tu não sabe o que ta falando. Vê se acha o Menino antes daqueles dois. Senão nem sei. Vai por ali que eu vou por aqui.

(noutro ponto)

- Danou-se! Já procurei por tudo quanto foi lugar. Nem um dos caras viu ele. Será que mataram esse Menino?... Aí eu tô frito... Nada de vereador... Nada de vereador... Meu Deus do céu!... Se mataram esse moleque, acaba tudo. Ser vereador não é tão bom assim não... Agora não tem mais volta. Pra frente é que se anda! Vamos tirar isso a limpo.

(Sai).





### CENA 13

- MÃE DO MENINO

MÃE DO MENINO:

(Entrando)

- Daqui eu não saio. Só saio com aquele Menino. Oh meu Deus! Será que... Filho da puta! Ô, da puta não. Da puta não. Cadê esse menino meu Deus! (Chamando alto)

- Menino!

- Ôh Menino! ... Meninooooooooo! Alguém aí viu um Menino puxando um carrinho de papelão... Falando num “falador”... Não? Ninguém? Aí meu Deus! Meninooooooooooooo!

(Sai)

- Menino! Meniiiioooo! Sumiu. Ô Meniiiiiiiiiiiiiiii...

### CENA 14

Personagens:

- D1

- D2

- D3

(Retornam D1, D2 e D3 ao mesmo tempo).

D3:

- Assim fica difícil.

D1:

- Difícil o quê?







D3:

- Difícil, difícil. Ué! O “falador” é só um. Não é nem dois, nem três. É um. E aí?

D2:

- E aí o quê?

D3:

- E aí, e aí. Ué! “Vamo” resolver de uma vez por todas.

D1:

- De uma vez por todas?

D3:

- É bicho. Eu sou pai de filho. Tenho mulher. Tenho duas bocas pra sustentar. Com a minha três! É presente de natal, é aniversário, dia das crianças, aniversário de casamento, é passeio no fim de semana, sorvete, pipoca e tudo mais. Eu preciso mais que vocês. Já to perdendo dia de serviço atrás do outro por causa desse “danado”. Tô investindo pesado nisso. É justo que fique comigo.

D2:

- Vai desculpando, mas não é assim não. Quem mandou casar? Fazer filho?

D1:

- Sai pra lá.





D3:

- Vocês - que não tem competência pra ter mulher. Pra fazer filho... Seus “farinha perdida”. Não serve pra nada. Dois merda!

D1:

- Merda é tu.

D2:

- É. Colé que é. Tá pensando que só porque tem mulher e filho é melhor que os outros.

D1:

- “Vai-te pá porra!”

D3:

- “Te pá porra” vai você.

(Tira uma peixeira da cintura)

- Aqui pra tu.

D1:

- Péra lá.

D3:

- Péra lá. Agora é péra lá, é? Vamo ver quem é quem agora. Cai pra dentro. (Acontece uma briga entre os três. D2 pega um porrete. D1 de mãos vazias toma a faca de D3 e o mata).

D1:

- Porra! O cara tinha mulher e filho.





D2:

- É. Lá se foi mais um pai de família.

D1:

- E agora?

D2:

- Agora o quê?

D1:

- Como fica? A mulher, o filho. Que porra!

D2:

- Vamo dá no pé. Morreu, morreu. É um a menos na re-disputa do “falador”

D1:

- Cadê teu sentimento?... O cara tinha mulher e filho.

D2:

- Ué!... Cuida do filho que eu cuido da mulher!

(Sai. D1 fica em cena mais alguns instantes. D2 volta)

- Oh! Vamo limpar o beco!

(Os dois saem).

CENA 15

Personagens:

- PAI DO MENINO

- HOMEM-MEGA-FONE





- MENINO

H-M-F:

- Como é? Cadê o Menino? Tá doente?

PAI DO MENINO:

- Doente como?

H-M-F:

- Parou de trabalhar.

PAI DO MENINO:

- Como é?

H-M-F:

- Pois é. Não se ouve nem mais um “piu” na cidade. Ele parou de falar. Calou-se o “falador”.

PAI DO MENINO:

- Calou? É por isso que esse desgraçado não tem arrumado mais nada. Já tem uma semana que é uma moeda ou outra. E só.

H-M-F:

- E ta prejudicando minha eleição. Tô caindo nas pesquisas... Se o “falador” se cala o povo se esquece do Homem-mega-fone. O “falador” tem que ser ouvido todo dia nas ruas. Senão babau eleição.

PAI DO MENINO:





- E babau o pão de cada dia. Porque assim não se fatura nada.

(Entra o menino. Para o menino)

- Veio batendo lata de novo?

MENINO:

- Tá feia a coisa.

PAI DO MENINO:

- Tá feia, não é? Tá feia... tô sabendo...

H-M-F:

- Parou de falar no “falador” por quê?

MENINO:

- Nem vem que não tem.

H-M-F:

- Mas o que foi?

MENINO:

- Não quero mais saber desse troço, não.

H-M-F:

- É por causa da surra?

PAI DO MENINO:

- Surrinha à toa! “Surrica”! Isso é nada pra quem ta criado? É até bom pra ficar ligeiro.





MENINO:

- Ligeiro?... Ligeiro...

H-M-F:

- Esse assunto tá resolvido. Já falei com os caras. Ninguém vai te perturbar. Aquele que era o mais valentão já era.

MENINO:

- Já era como?

H-M-F:

- Ninguém sabe direito. Disseram que ele foi dormir e acordou morto.

PAI DO MENINO:

- Tá vendo aí? Fica perdendo dia à toa. Podia ta faturando. Tem medo de quê? Nem parece meu filho, seu “porqueira”.

MENINO:

- Eu não boto mais a boca nesse “falador”.

PAI DO MENINO:

- E vai deixar a gente no apuro? Vamo morrer de fome?

MENINO:

- O pouco com Deus é muito.

PAI DO MENINO:

- Que pouco? Cadê esse pouco? Tá voltando pra casa batendo





lata todo dia. Onde é que tá esse pouco?

H-M-F:

- Vamo fazer um combinado. Volta a falar no “falador”, assim o povo não vai se esquecer de mim. Eu ganho pra vereador, e garanto que não vai faltar o pão de vocês. Depois que eu ganhar pra vereador, nem precisa entrar na re-disputa do “falador”. Vai estudar fazer qualquer outra coisa. Que o pão eu garanto. Eu cuido de você. Ninguém vai te fazer mal...

MENINO:

- Nem vem que não tem.

PAI DO MENINO:

(Puxa o Menino de canto)

- Quem inventou essa lorota do terno ser “benzido”? Em? Agora te vira. Se o homem perder pra vereador, vai descobrir que foi “engrupido”. E aí? Como é que fica?

MENINO:

- Ué.

PAI DO MENINO:

- Ué? É ué, é? É ué?

MENINO:

- Ué...





PAI DO MENINO:

- Tá decidido. Vai voltar a falar e eu vou junto, que é pra garantir. Vou ficar de olho e de ouvido, se fizer corpo mole, já sabe.

(Para o Homem-mega-fone)

- Pode ficar tranqüilo. Tudo resolvido. Amanhã logo cedo o “falador” vai ser ouvido de ponta a ponta da cidade. Eu garanto... Só mesmo pra fazer a presença, porque com esse terno “benzido” os votos tão garantidos.

(Para menino)

- Não tá?

(Para o HMF)

- Aí como senhor mesmo disse, garante nosso pão depois que o menino começar a estudar...

H-M-F:

- Promessa é dívida! Graças a Deus! A voz do povo não pode se calar. O povo tem que ser ouvido. Não esquece: “o nosso papel é reciclar, alertar, alegrar...” (Para o Pai do Menino)

- O “seu” tá garantido.

(Sai).

PAI DO MENINO:

- Passa pra dentro.

(Eles deixam a cena).

CENA 16

Personagens:

- MENINO

-MÃE DO MENINO







MENINO:

(O menino faz campanha. A Mãe do Menino entrega santinhos para a plateia. Ao megafone)

- Pá daqui pá de lá. Não se esqueça de votar: Homem-mega-fone a voz do povo! Aquele que teve sempre por aqui, recolhendo, reciclando e alegrando a comunidade – é o homem de verdade – é o vereador – é a voz que não se cala – e nem descansa – ainda resta uma esperança - ele saiu daqui pra ter quem olhe por nós lá – não se esqueça de votar.

Os filhos seus;

São filhos meus;

A voz do povo!

A voz de Deus!

Quem é que recicla?

Quem é que cata, limpa, amassa e reconstrói?

Quem é que mete a boca no trombone?

Quem é o homem que não deixa ninguém na mão?

Quem será que vai virar a pirâmide de cabeça pra baixo?

Que é que defende quem tem fome?

É ele:

O Homem-mega-fone!

Não vote em branco;

Vote Homem-mega-fone!

Não vote nulo;

Vote Homem-mega-fone!

Não vote em outros;

Vote Homem-mega-fone!

Vote! Vote! Vote-te!

Vote! Vote! Vote-te!

Os filhos seus;





São filhos meus;  
A voz do povo!  
A voz de Deus!

CENA 16+1

Personagens:

- HOMEM-MEGA-FONE
- MÃE DO MENINO
- PAI DO MENINO
- MENINO
- D1
- D2

(Dia da eleição)

D2:

- Como é que é! Como é que é! Esse negócio não acaba não?

D1:

- Acabou a votação agora. Tá fazendo o que aqui?

D2:

- Nada. E tu?

D1:

- Nada.

D2:

Quem nada é peixe!





D1:

A rua é pública.

D2:

- É. A rua é pública.

(Entra o Homem-mega-fone).

D1 e D2:

- E aí Vereador, ganhou?

H-M-F:

-- Ainda não, ainda não.

D1:

- Tô aqui heim.

D2:

- Promessa é dívida.

D1 e D2:

- E como é. Cadê o danado?

H-M-F:

- Calma. Daqui a pouco o Menino chega aí e a gente resolve.

D1:

- É muito urubu pra pouca carniça.





D2:

- Vê lá hein vereador!

D1:

- Só quero ver se vai cumprir o prometido. Só quero é ver.

D2:

- Já era pra ter resolvido essa pendenga desde hoje cedo. O prazo venceu. Queremos a “re-disputa”!

D1 e D2:

- Queremos a “re-disputa”! Queremos a “re-disputa”! Queremos a “re-disputa”! Queremos a “re-disputa”! Queremos a “re-disputa”!

H-M-F:

- E a boca de urna? Não dá pra dispensar boca de urna. Vereador, são cinco dígitos. As pessoas esquecem. Sem a boca de urna ninguém se elege. Sem boca de urna só dá legenda e legenda não dá moral. Ai meu Deus! É hoje. É hoje!

D2:

- É hoje mesmo.

D1:

- De hoje não passa.

D2:

- É. Não passa não.

(Entra o Pai do Menino)





PAI DO MENINO:

- E aí Vereador, já ganhou?

H-M-F:

- Ainda não, ainda não.

PAI DO MENINO:

- Mas já acabou?

H-M-F:

- O quê?

PAI DO MENINO:

- A apuração?

H-M-F:

- Vira essa boca pra lá. Começou agora. Tenha calma. Tenha calma.

PAI DO MENINO:

- Eu tenho. Eu tenho. É que eu quero ver o senhor logo lá.

H-M-F:

- E o Menino, cadê?

PAI DO MENINO:

- Tá com a mãe. Esse negócio de boca de urna é perigoso. Então, ela foi junto pra garantir as pontas.





H-M-F:

- Muito bom. É isso aí.

D2:

(Ouvindo a apuração pelo rádio)

- Peraí, peraí. Vai dá o resultado.

(Ouve por um instante. Todos atentos)

- Nadica de nada. Só falaram dos graúdos.

D1:

- Será? Será que vai ficar pra próxima?

MÃE DO MENINO:

- E aí Vereador, já ganhou?

H-M-F:

- Ainda não, ainda não.

MÃE DO MENINO:

- Vamo com fé. Deus é mais. Deus é mais!

H-M-F:

- Cadê o Menino?

MÃE DO MENINO

- Pensei que tivesse aqui. Não tá não?

H-M-F:

- Aqui não.





MÃE DO MENINO:

- É que deu um rolo lá na boca de urna.

H-M-F:

- Se pegarem ele eu tô frito. Pelo amor de Deus.

PAI DO MENINO:

- Pegaram?

MÃE DO MENINO:

- Será?

H-M-F:

- Fedeu! Agora fedeu!

PAI DO MENINO:

- Onde é que você tava?

MÃE DO MENINO:

- Na hora do aperto, cada um correu pra um lado. Achei que ele tivesse se safado. Ele corre mais que eu.

H-M-F:

- Fedeu!

MÃE DO MENINO:

- Vamo rezar um Pai Nosso?





D1:

- Que Pai Nosso, o quê!

D2:

- Pai Nosso pra vereador? Onde é que já se viu.

PAI DO MENINO:

- Um “Pai nossinho” de nada. Que isso? Vamo aí minha gente.

D1:

- Nem de Pai Nosso eu gosto.

D2:

(Ouvindo a apuração pelo rádio)

- Peraí, peraí. Vai dá de novo.

(Ouve por um instante todos atentos)

- 77 por centos das urnas. Psiiii.

(Todos ouvem por um tempo)

- Psiiii.

(Todo atentos. Silêncio)

- Psiiii. Danou-se.

D1:

- Nem o cheiro.

D2:

- Se ele não ganha, entra na re-disputa e aí babau “falador”.







D1:

- É. Nada de Vereador, nada de “falador”. Aí é ruim, não é bom não. Dele não tem quem ganha.

D2:

Ainda dá tempo. Vamos com calma.

MÃE DO MENINO:

- Vamo rezar um Pai Nosso?

H-M-F:

- Eu rezo. Vamos nós. Deixe esses aí.

D1:

- Eu também.

D2:

- E eu!

(Entra o Menino).

MENINO:

- E aí vereador...

H-M-F:

- Ainda não, ainda não.

PAI DO MENINO:

- Como é? Te pegaram?





MENINO:

- E eu sou menino? E esses dois aí?

PAI DO MENINO:

- Fica calmo. Não é nada não.

D2:

- Bom, o moleque tá aí. Hoje ele não escapa. E aí vereador?

H-M-F:

- Tenha calma. Tenha calma.

D1:

- E aí vereador?

H-M-F:

- Tenha calma. Tenha calma.

D2:

(Ouvindo a apuração pelo rádio)

- Peraí, peraí. Vai dá de novo.

(Ouve por um instante.

- Todos atentos, 88 por centos das urnas. Psiiii.

(Todos ouvem por um tempo)

- Psiiii.

(Todos atentos. Silêncio)

- Psiiii. Danou-se.





D1:

- Agora nem Pai Nosso resolve.

D2:

- Mas com Pai Nosso ou sem Pai Nosso. Não quero nem saber.

Eu quero o meu.

H-M-F:

- 88 por cento. Ainda dá.

MENINO:

- Dá sim.

MÃE DO MENINO:

- Dá. Não dá?

PAI DO MENINO:

- Dá.

H-M-F:

- Mas eu não vou esperar os 99 não.

(Sai).

D2:

- Aonde vai vereador?

PAI DO MENINO:

(Para o Menino)

-”Mocoza” esse troço e “vamo” cada um pra um lado.





(Para a Mãe do menino)

- Sebo nas canelas.

(Os três saem embaralhados).

D1:

- Pega. Não deixa não.

D2:

- Pega. Pega! Segura aí. Segura!

(Os três conseguem escapar).

- Fedeu!

D1:

- Já era.

D2:

- Já era nada. Vamo pegá. “Vambora”, “vambora, “vambora”!

D1:

- Tá de brincadeira viu.

(Saem).

CENA 18

Personagens:

- HOMEM-MEGA-FONE

- MÃE DO MENINO

- PAI DO MENINO





(Dia da posse, o homem-mega-fone está em seu gabinete festejando com champanhe, entra a Mãe do menino).

MÃE DO MENINO:

- Pegaram o Menino!

H-M-F:

- Pegaram?

MÃE DO MENINO:

- Pegaram. Bateram sem dó.

H-M-F:

- Não há de ser nada.

MÃE DO MENINO:

- Vamo lá, você precisa socorrer ele.

H-M-F:

- Como é que foi isso?

MÃE DO MENINO:

- Foi “Os caras” lá da disputa do “falador”. Depois daquele dia, eles encrencaram com o menino. Não deram sossego. Quando foi hoje... Tá feio de olhar.

H-M-F:

- Calma! Toma aqui um gole. Que tudo se resolve.





MÃE DO MENINO:

- O senhor precisa ir lá. O senhor é a pessoa que ele mais admira.

H-M-F:

- Mas eu não sou bombeiro. Sou Vereador. O que é que eu vou fazer lá?

MÃE DO MENINO

- Estender a mão. O menino tá lá todo estropiado e só chama pelo senhor. Parece que gosta mais do senhor do que da gente.

H-M-F:

- Eu falei pra ele não se meter com os caras.

MÃE DO MENINO:

- Mas o senhor sempre se meteu. Ele quer fazer tudo que o senhor fazia. Quer ser herói desse povo. Fica falando aquele monte de coisa o dia todo. Coisas que aprendeu com quem? Diz com quem? Foi graças a ele que o senhor chegou aqui. Ele foi o grande cabo eleitoral que saiu por aí espalhando que só o Homem-mega-fone é que podia ser a voz do povo lá em cima. Agora que o senhor tá aqui em cima, vai fazer o quê?

H-M-F:

- Vou fazer o que prometi. Toma aqui! Um cheque pra começar!. Toma!





MÃE DO MENINO:

- Mas, já? O senhor tá tomando posse hoje. E já tem cheque com seu nome e tudo?

H-M-F:

- Pois é, eu disse que assim que tomasse posse a senhora teria uma vida boa! A senhora vai escalar a pirâmide social. Vai escalar!. Agora eu preciso sair, pois, tenho muito que comemorar com meus eleitores. Vai pegar mal se eu não der as caras, vai parecer arrogância. Vai lá, chama uma ambulância e tudo se resolve. (Entra o pai do menino com o menino no colo e o coloca no chão).

PAI DO MENINO:

- Tá aí. O Senhor disse que ia cuidar dele. Agora cuida.

H-M-F:

- Veja bem...

PAI DO MENINO:

- Tudo por causa desse “falador”. Do que adiantou? Se ele tivesse entregado essa merda, pros caras, a história seria outra. Ele agora é teu. Que nós não temos dinheiro pra enterrar.

H-M-F:

- Morreu?

MÃE DO MENINO:

- Eu sabia! Quantas vezes eu disse que mais cedo ou mais tarde. Oh! Deus!





PAI DO MENINO:

- Morreu, mas não entregou essa merda. Se ele tivesse entregado, os caras não tinham feito isto. Ele agora é teu.

H-M-F:

- O que é que eu posso fazer? Agora não tem mais jeito. Se tivesse vivo a gente corria atrás dos recursos. Mas se morreu, morreu.

MÃE DO MENINO:

- O senhor disse que ia cuidar dele.

PAI DO MENINO:

- Agora cuida.

H-M-F:

- Falei. Mas vivo. Morto não há o que fazer. E de mais a mais eu estou atrasado. Passa amanhã aí que a gente vê o que faz.

PAI DO MENINO:

- Agora. Vamos resolver isso agora. Porque como o senhor bem sabe, era ele que colocava o pão lá em casa.

H-M-F:

- Mas isso já tá resolvido. Mostra pra ele o cheque!

MÃE DO MENINO:

- Esse cheque aqui não dá pra nada. Isso é um dia de trabalho dele. Um dia ruim. Porque um dia bom...







H-M-F:

- Eu sei, eu sei. Mas passa amanhã, daqui a pouco todo mundo vai embora achando que eu virei as costas pra eles.

MÃE DO MENINO:

- E vai virar pra nós?

PAI DO MENINO:

- Pra ele. Que te colocou aqui. O senhor é que é o “Seu Mega-fone”, mas a voz do povo mesmo era ele. Ele que falava tudo de coração e sem interesse. Foi a pureza dele que fez esse povão votar no “Mega-fone”. Imagina só se todos souberem que se calou a voz do povo e que o senhor não se compadeceu, não estendeu a mão. Como é que fica “Seu” vereador?

H-M-F:

- Ora, o que é isso? Eu vou lhe arrumar um bom emprego aqui.

PAI DO MENINO:

- Quem disse que eu quero trabalhar?

H-M-F:

- E quem falou em trabalhar? O senhor não precisa nem pisar aqui. E seu salário tá garantido todo mês.

MÃE DO MENINO:

- E eu? Eu era quem cuidava dele. Fazia comida, lavava, passava e tudo mais.





H-M-F:

- A senhora também terá seu salário todo mês. Sem atrasos.

PAI DO MENINO:

- É pouco. Ele merecia mais do que isso. Depois de tanto trabalho.

MÃE DO MENINO:

- É. Merecia mais.

H-M-F:

- O povo tá lá fora. Pelo amor de Deus!

PAI DO MENINO:

- Vamo levar o Menino lá fora, pro povo ver!

H-M-F:

- Lá fora?

MÃE DO MENINO:

- Isso mesmo, lá fora! Pra todo mundo vê.

H-M-F:

- É isso! Vamos levar ele pros braços do povo! Ele não morreu em vão!

PAI DO MENINO:

- Não?





MÃE DO MENINO:

- Não?

H-M-F:

- Não. Eu vou fundar a fundação “MENINO-MEGA-FONE”. E vocês dois vão tomar conta. Meu nome não pode aparecer. Vai ser sucesso! Vocês vão ganhar muito dinheiro!

PAI DO MENINO:

- Muito?

MÃE DO MENINO:

- Dinheiro?

H-M-F:

- É. Vai ser a fundação do verde. Da reciclagem. É o novo marco. É o novo mundo! Ele não morreu em vão. A fundação “MENINO-MEGA-FONE” vai tapar o buraco da camada de ozônio!

PAI DO MENINO:

- É bom!

H-M-F:

- Não é?

PAI DO MENINO:

- Não é ruim não!





MÃE DO MENINO:

- Bem que o nosso menino sempre disse que o senhor é o homem certo. “A voz do povo”. Viva a “voz do povo”!

PAI DO MENINO:

- Viva! Viva!

H-M-F:

- Então vamo lá pra fora, que o povo não aguenta mais esperar. Vamos! Vamos cair nos braços do povo!

(Os três saem cantando o jingle da campanha. O Homem-mega-fone leva o Menino nos braços como um troféu).

OS TRÊS:

Os filhos seus, são filhos meus!

A voz do povo! A voz de Deus!

Os filhos seus, são filhos meus!

A voz do povo! A voz de Deus!

Os filhos seus, são filhos meus!

A voz do povo! A voz de Deus!

*Fim.*



# A MENINA PASSARINHO

Infantil







# SINOPSE

A partir da Lenda do João-de-Barro, A Menina Passarinho, diz como uma menina vira passarinho dentro do seu universo lúdico, tendo como temáticas sua casa, a escola e uma grande amizade.









# FICHA TÉCNICA

## 1ª MONTAGEM

Autor e diretor: Edu Brisa

Elenco: Cris Camilo, Gabii Alves e Harry de Castro

Participação especial: Odília Nunes

Cenografia e figurinos: Samuel Cabral.

Música: Everton Gennari

Design gráfico: Arica Carvalho e Celso Link

Duração: 40 minutos

Classificação: Livre.

Realizou sua primeira temporada de 07 apresentações de compartilhamento do processo de criação nos meses de novembro e dezembro de 2021. SEDE CTI- TEATRO-BAILE - Rua Oti, 212 - Vila Ré - São Paulo-SP e circulou por 20 escolas públicas da cidade de São Paulo.



CTI - CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO 18 ANOS APRESENTA:

**TEATRO BAILE**  
UMA POÉTICA EM CONSTRUÇÃO  
O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO

**AMENINA PASSARINHO**

**TEATRO INFANTIL**  
PRESENCIAL  
DURAÇÃO: 40 MINUTOS  
CLASSIFICAÇÃO: LIVRE.

SEDE CTI TEATRO-BAILE  
RUA OTI, 212 - VILA RÉ - SÃO PAULO - SP

TEMPORADA  
DEZ/2021

QUINTAS: 09 E 16  
SEXTAS: 10 E 17  
SÁBADOS: 11 E 18  
DOMINGO: 19

• 16 HORAS •

OBRIGATORIO O USO  
DE MÁSCARA

\*ESTE PROJETO FOI REALIZADO COM O APOIO DO PROGRAMA MUNICIPAL DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO - SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA\*

REALIZAÇÃO



CTI - CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO 18 ANOS APRESENTA:

**TEATRO BAILE**  
UMA POÉTICA EM CONSTRUÇÃO  
O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO

**AMENINA PASSARINHO**

**TEATRO INFANTIL**

TEMPORADA  
DEZ/2021

QUINTAS: 09 E 16  
SEXTAS: 10 E 17  
SÁBADOS: 11 E 18  
DOMINGO: 19

• 16 HORAS •

SEDE CTI TEATRO-BAILE  
RUA OTI, 212 - VILA RÉ - SÃO PAULO - SP

PRESENCIAL  
DURAÇÃO: 40 MINUTOS  
CLASSIFICAÇÃO: LIVRE.

OBRIGATORIO O USO  
DE MÁSCARA

\*ESTE PROJETO FOI REALIZADO COM O APOIO DO PROGRAMA MUNICIPAL DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO - SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA\*

REALIZAÇÃO





# A MENINA PASSARINHO

*De Edu Brisa*







## ABERTURA

MÚSICA – Onde estão os passarinhos?

Edu Brisa / Everton Gennari

Cadê? O bater das asas / Cadê? Que eu não ouço mais / Cadê? O  
bater das asas / Cadê? De tempos atrás/ Já não voa o passarinho / Já não  
voa a passarinha / Onde está o bem te vi? Que eu não vi / Onde está?  
Onde é que está? / Cadê? O bater das asas / Cadê? Que eu não ouço mais  
/ Cadê? O bater das asas / Cadê? De tempos atrás / Onde está o beija flor?  
/ Onde está o sabiá?/ Onde está o canarinho? / Cadê? As araras a voar /  
Quem é que vai me contar? / Quem é que vai me contar?/ Cadê?

## PRÓLOGO

### A PROFESSORA

Essa estória se passa num tempo não muito distante, não sei se  
pra trás ou se pra diante. Se passa num lugar não muito longe da gente,  
onde acontece muita coisa igual e muita coisa diferente.

Vamos conhecer aqui, uma menina e seu sonho de liberdade  
que tal qual Frida Kahlo gostava de pensar assim: “Piés, para qué los  
quiero si tengo alas pa’ vojar?” traduzindo: “pés para que eu quero vo-  
cês se tenho é asas para voar?” - Vamos conhecer uma menina que tem  
asas, mas que já não vê mais passarinhos na cidade.

(Longe dali a orquestra de passarinhos se põe a cantar)

MÚSICA- A Menina Passarinho.





Edu Brisa / Everton Gennari

Venham todos conhecer / É de se admirar / A menina passarinho / Que já não vive mais no ninho / Pegou sua mochila e se pôs a voar / Esse jeito de “avoar” / Dessa menina passarinho / Que já longe do seu ninho / Abriu as asas com os passarinhos / E voa voa sem parar.

CENA 01

A MENINA PASSARINHO:

(Debaixo das asas da mãe)

- Mãe, eu queria sair daqui, deixar de ser menina e ser passarinho!

A MÃE:

- Tá desmiolada menina? Gente é gente e passarinho é passarinho.

A MENINA PASSARINHO:

- Mãe, por que que gente não pode ser passarinho?

A MÃE:

- Porque na natureza tudo tem seu lugar. O passarinho foi feito pra voar e a gente para andar, correr, pular... Mantenha os pés no chão, minha filha. Os pés! Os pés!

A MENINA PASSARINHO:

- “Para que quero pés se tenho asas para voar?” Se eu encontrar





um passarinho que queira ser gente: a gente troca de lugar!  
(Saiu zunindo para o quintal).

(Longe dali a orquestra de passarinhos se põe a cantar)

MÚSICA – No quintal da minha casa

Edu Brisa / Everton Gennari

No quintal da minha casa / Só tem roupas no varal / Já não tem  
mais arvoredos / Já não tem mais passaredos / Só tem roupas no varal /  
Só tem roupas no varal / No quintal da minha casa / Só tem roupas no  
varal / Já não tem mais passarinhos / Nem lugar pra fazer ninhos / Só  
tem roupas no varal / Só tem roupas no varal / Eu sinto falta da beleza /  
Já não vejo a natureza / Só tem roupas no varal / Só tem roupas no varal  
/ Só tem roupas no quintal.

CENA 02

A MENINA PASSARINHO:

- Como que não tem nenhum passarinho? Passarinho não dá  
em árvore? Passarinho não tem semente? Onde estão os passarinhos,  
minha gente?

A MÃE:

- Filha! Vamos! Senão você chega atrasada na aula. O João tá te  
esperando no portão. Vamos, vamos. Mantenha os pés no chão!

A MENINA PASSARINHO:

(Passa correndo, coloca a mochila nas costas, como quem colo-





ca asas! E sai fazendo manobras pela casa. saindo portão a fora).

- Vamos João! Vamos voar. Senão a gente não chega.

O MENINO JOÃO:

(Sai correndo atrás)

- Espere por mim!

(Chegam na porta da escola)

- Você é mesmo rápida, Menina Passarinho.

A MENINA PASSARINHO:

- Quem voa é mais rápido, João. Mas hoje eu não tô legal. Eu não vi nenhum passarinho lá no meu quintal.

O MENINO JOÃO:

- Passarinhos! Eu também não vejo não. Só vejo nos livros e na televisão.

A MENINA PASSARINHO:

- A professora deve saber onde eu posso encontrar, preciso de um que queira ser gente pra gente trocar. Daí eu viro passarinho e saio pelo céu a voar!

(Longe dali a orquestra de passarinhos se põe a cantar)

MÚSICA – Onde estão os passarinhos?

Edu Brisa / Everton Gennari

Cadê? O bater das asas / Cadê? Que eu não ouço mais / Cadê? O bater das asas / Cadê? De tempos atrás/ Já não voa o passarinho / Já não







voa a passarinha / Onde está o bem te vi? Que eu não vi / Onde está?  
Onde é que está? / Cadê? O bater das asas / Cadê? Que eu não ouço mais  
/ Cadê? O bater das asas / Cadê? De tempos atrás / Onde está o beija flor?  
/ Onde está o sabiá? / Onde está o canarinho? / Cadê? As araras a voar /  
Quem é que vai me contar? / Quem é que vai me contar? / Cadê?

CENA 04

Na escola

(a lenda do João-de-Barro)

A MENINA PASSARINHO:

- Professora, professora, professora!

A PROFESSORA:

- O que foi, o que foi, o que foi?

A MENINA PASSARINHO?

- Dá pra gente virar passarinho?

A PROFESSORA:

Dá ... Não! ... Mas já aconteceu!

A MENINA PASSARINHO:

- Jááááááááá!!!? E como foi?

A PROFESSORA:

- Primeiro quero ver o caderno. Se as atividades estiverem em dia eu conto a lenda do João-de-Barro!





A MENINA PASSARINHO:

- O João ... de ... barro... tem uma Lenda!?

A PROFESSORA:

- Tem! Caderno?

A MENINA PASSARINHO:

- Tá na mão!

A PROFESSORA:

- Agora senta, que lá vem a Lenda!!

A MENINA PASSARINHO:

- Silêncio gente!

A PROFESSORA:

- Conta a Lenda:

Que há muito tempo em uma tribo no sul do Brasil;

Preste atenção para que se aprenda;

Isso foi coisa que todo mundo viu;

Um jovem se apaixonou por uma jovem linda de estontear;

A jovem indígena era de grande nobreza;

Ele queria porque queria com ela se casar;

Ela era filha da natureza;

Mas seu pai era enfezado, nervoso e cheio de braveza;

E não queria nisso, nem sequer pensar;





Mas o jovem que era obstinado;  
Pedi a mão da filha do homem em casamento;  
O pai ficou zangado;  
E o desafiou naquele momento;

E disse que algo ele teria que fazer;  
Pra provar o seu amor;  
Nem que fosse pra morrer;  
O jovem de pronto aceitou;

Ele teria de ficar em jejum;  
Por mais dias que o último que tentou;  
O último morreu em cinco dias e mais nem um;  
Cinco dias foi tudo que ele aguentou;

Nesse momento o jovem indigena, seus olhos esbugalhou;  
Mas aceitou o desafio;  
Não era de fugir de nada, foi o que ele contou;  
No meu amor eu confio;

Toda tribo admirou sua coragem;  
Para realizar a prova, o Jovem indigena foi enrolado;  
Era a tradição por essas paragens;  
Em um couro de anta, bem pesado;

E ficou dia e noite sob vigilância;  
Era para que não fosse alimentado;  
E lá dentro ele lembrou sua infância;  
Para se manter acordado;





A jovem indigena implorava à deusa Lua;  
Que ele não morresse por causa sua;

O tempo passou e em uma manhã a filha pediu ao pai;  
Já se passaram cinco dias;  
Não o deixe morrer, vai;  
Se ele morrer morre minha alegria;

Ele falou nas forças do amor;  
Vamos ver o que acontece;  
Não pode ser da boca pra fora não senhor;  
O amor é teia que durante a vida toda se tece;

Na última noite da prova, o pai da moça ordenou;  
Vamos ver o que resta desse Jovem;  
Desembrulhe o que dele restou;  
Não se resiste a nove dias de jejum, duvido que me provem;

Quando abriram o couro, o jovem saltou ligeiro;  
Seus olhos brilharam arregalados;  
Seu sorriso tinha uma luz por inteiro;  
E o pai ficou desacreditado do que viu no seu terreiro;

O jovem indigena, se pôs a como um pássaro, cantar;  
Enquanto aos poucos, em uma pequenina ave, se transformava;  
E naquele momento a moça, tocada pelos raios do luar;  
Também se transformou em pássaro, a danada;





E se puseram a voar, num voo absoluto;  
O jovem indigena em João-de-barro se transformou;  
Por ter sido um trabalhador e astuto;  
O casal construiu sua casa no galho da árvore e ali morou!

Essa é a história mais bonita que eu já contei, e ainda conto por  
aí;

Contar histórias é minha vida;  
Minha vida é fazer sonhar;  
Sem precisar dormir!

CENA 05

Caminho de volta pra casa  
(Voar para além da imaginação)

A MENINA PASSARINHO:

- Que Lenda heim!

O MENINO JOÃO:

- É. O João-de-barro é lendário.

A MENINA PASSARINHO:

- Menino João, bem que você poderia ser o João-de-barro. Daí  
a gente trocava.

O MENINO JOÃO:

- E você virava a Joaninha-de-barro!





A MENINA PASSARINHO:

- Néra?

O MENINO JOÃO:

- Mas o João-de-barro não é aquele que prende a Joaninha na casa de barro até ela morrer?

A MENINA PASSARINHO:

- Vixeeee! É Mesmo!

(Silêncio)

O MENINO JOÃO:

- Mas a gente pode romper esse ciclo! Joanas Livres!

A MENINA PASSARINHO:

- Isso! Todas as Joanas Livres!!

O MENINO JOÃO:

- Todas as Joanas Darks!

A MENINA PASSARINHO:

- Desempolgaaa! Vamos focar aqui ... Me lembra de perguntar pra professora amanhã se isso de o João-de-Barro prender a Joaninha na casa, não é mais uma lenda. Bem que a vida podia ser uma lenda, daí a gente virava passarinho.

O MENINO JOÃO:

- Eu não levo jeito pra passarinho não. Passarinho aqui é você.





A MENINA PASSARINHO:

- É, mas na vida real não dá pra virar passarinho. Não dá pra trocar de vida com passarinho. Não dá nem pra ver passarinhos.

O MENINO JOÃO:

- É. Na vida real é bem diferente.

A MENINA PASSARINHO:

- Eu queria ter asas e voar, voar, voar.

O MENINO JOÃO:

- Não sei se dá pra voar de verdade, mas a gente pode construir umas asas pra brincar de voar.

A MENINA PASSARINHO:

- Brincar de voar? Ahhhh ... Mas eu já brinco para voar.

O MENINO JOÃO:

- Eu sei. E como sei. Mas pode ser com asas mesmo.

A MENINA PASSARINHO:

- Com asas mesmo? Mas como?

O MENINO JOÃO:

- Eu faço carrinhos, faço bonecos, monto computador, construo máquinas, invento coisas... fazer asas não deve ser diferente.

A MENINA PASSARINHO:

- Jura? Então vamos lá. Vamos!





(Longe dali a orquestra de passarinhos se põe a cantar)

MÚSICA – Onde estão os passarinhos?

Edu Brisa / Everton Gennari

Cadê? O bater das asas / Cadê? Que eu não ouço mais / Cadê? O  
bater das asas / Cadê? De tempos atrás/ Já não voa o passarinho / Já não  
voa a passarinha / Onde está o bem te vi? Que eu não vi / Onde está?  
Onde é que está? / Cadê? O bater das asas / Cadê? Que eu não ouço mais  
/ Cadê? O bater das asas / Cadê? De tempos atrás / Onde está o beija flor?  
/ Onde está o sabiá?/ Onde está o canarinho? / Cadê? As araras a voar /  
Quem é que vai me contar? / Quem é que vai me contar?/ Cadê?

MÚSICA – O João-de-barro constrói casas, o Menino João cons-  
trói asas.

Edu Brisa / Everton Gennari

O João-de-barro constrói casas / Esse João aqui tá construindo  
asas / O João-de-barro constrói casas / Esse João aqui tá construindo  
asas / Ele já fez carrinho de empurrar com a mão / Esse João constrói  
coisas de montão / Ele vai dando asas a imaginação / Esse João aqui não  
tem jeito não / Pra nascer as asas dizem que doem / Mas não tem dor  
nas asas que ele constrói / Pois são feitas com amor / Por isso essas asas  
não causam dor / Ele já fez bonecos de madeira / Pra ele tudo é uma  
brincadeira / Ele vai dando asas a imaginação / Esse João aqui não tem  
jeito não.





## CENA 06

### Criando Asas

(Depois de muito suor do Menino João, as asas ficaram prontas. A Menina Passarinho as veste logo, mas com medo de cair, fica parada, com os pés plantados no chão)

A MENINA PASSARINHO:

- Eu não sei voar.

O MENINO JOÃO:

- Sabe sim. Você sabe. Vamos lá. Bate as asas. Como sempre fez. Bate as asas que elas voam! A engrenagem é monstro!

A MENINA PASSARINHO:

- Voar de brincadeira não é voar de verdade. De verdade dá medo.

O MENINO JOÃO:

- Vamos lá, eu te ajudo. A engrenagem é monstro!

(convocando a ajuda dos passarinhos)

- Bem-te-vi, Beija-flor, Sabiá, Quero-quero, Anum, Tiziu, Pardal, Fogo-pagô, Assum preto, Coleiro, Andorinha, Canário, Pica-pau, Cardeal, Xororó, Curió, Patativa, Tico-tico, Periquito, Pintassilgo! ... Ah! Vou jogar no tranco mesmo!

MÚSICA – Todos os passarinhos?

Edu Brisa / Everton Gennari





O bemevi, o beija flor, o sabiá, o quero quero, o tiziu, o pardal, o curió / Fogo pago, a patativa, o tico-tico, periquito, pintassilgo e também o xororó / O assum preto, o coleiro, o rouxinol, a andorinha, o pica pau, o cardeal e o canarinho/ Jacuaçu, João-de-barro e eu não posso esquecer que tem também essa menina passarinho / Cadê o bater das asas? / Cadê? que eu não ouço mais / Cadê o bater das asas? / Cadê? De tempos atrás / Cadê?

(De repente tudo se encheu de passarinhos. Foi aquela cantoria. Foi aquele redemoinho. E a menina passarinho, envolta pela revoada, saiu pelos ares “voando”, “avoada!” Avoou, avoou, avoou e sumiu nas nuvens).

CENA 07

Cadê a menina?

A MÃE:

- Filha! Filha! Volta pra casa. Vem voar de brincadeira. Você é tão menina, vem pra casa brincar. Manter os pés no chão!

(A Mãe e O Menino João ficam olhando para o céu em busca de vê-la. Um dia e uma noite e nada da Menina aparecer)

(Longe dali a orquestra de passarinhos se põe a cantar)

MÚSICA – Onde estará a menina passarinho?

Edu Brisa / Everton Gennari

Ela sempre quis voar / Ela sempre teve asas / Onde será que ela





está? / No encontro do céu com o mar / onde está? / A menina passari-  
nho / Finalmente “avoou” / A menina tanto quis / Que seu sonho/ Se re-  
alizou / Mas agora a sua mãe chora de dor/ Por isso volta / Vem pra casa  
/ O seu ninho é aqui / Por isso volta / Vem pra casa/ O seu ninho é aqui.

#### CENA 08

A MÃE:

- Menino João, Menino João. Foi você que fez as asas que fize-  
ram ela voar. Trate de desfazer. Eu não quero nem saber. Vamos, traz ela  
de volta pra cá.

O MENINO JOÃO:

- Mas eu não sei como fazer, eu não sei como. Eu fiz as asas, mas  
era ela que sabia “avovar”.

A MÃE:

- Você chamou os passarinhos que levaram ela daqui num esta-  
lar de dedos. Chame eles de volta. Daí ela vem junto. Eu aposto que sim.

O MENINO JOÃO:

- Será que vai dar certo?

A MÃE:

- É bom que dê. Eu quero ela aqui com os pés no chão!

O MENINO JOÃO:

- Vamos lá. Eu vou tentar.





(convocando a ajuda dos passarinhos)

- Bem-te-vi, Beija-flor, Sabiá, Quero-quero, Anum, Tiziu, Pardal, Fogo-pagô, Assum preto, Coleiro, Andorinha, Canário, Pica-pau, Cardeal, Xororó, Curió, Patativa, Tico-tico, Periquito, Pintassilgo! Menina Passarinho! Bem-te-vi, Beija-flor, Sabiá, Quero-quero, Anum, Tiziu, Pardal, Fogo-pagô, Assum preto, Coleiro, Andorinha, Canário, Pica-pau, Cardeal, Xororó, Curió, Patativa, Tico-tico, Periquito, Pintassilgo! Menina Passarinho!

(De repente, começou um vendaval, derrubando as roupas do varal. Era aquele redemoinho, aquele dos passarinhos, trazendo de volta a menina pro seu ninho).

MÚSICA – Todos os passarinhos?

Edu Brisa / Everton Gennari

O bemtevi, o beija flor, o sabiá, o quero quero, o tiziu, o pardal, o curió / Fogo pago, a patativa, o tico-tico, periquito, pintassilgo e também o xororó / O assum preto, o coleiro, o rouxinol, a andorinha, o pica pau, o cardeal e o canarinho/ Jacuaçu, João-de-barro e eu não posso esquecer que tem também essa menina passarinho / Cadê o bater das asas? / Cadê? Que eu não ouço mais / Cadê o bater das asas? / Cadê? De tempos atrás / Cadê?

CENA 09

O MENINO JOÃO:

- Uffá! Onde você tava Menina Passarinho?





A MENINA PASSARINHO:

- Ih João! longe, muito longe!

O MENINO JOÃO:

- Então a engrenagem é monstro mesmo!

A MENINA PASSARINHO:

- É, a engrenagem é monstro! E eu vou falar dela no meu livro.

O MENINO JOÃO:

- Livro? Agora você tem sua própria Lenda?

A MENINA PASSARINHO:

- Eu não sou uma Lenda João, sou de carne e osso!. Ah, sabe o que eu descobri? Que a Joana de Barro não fica presa na casa, ela é livre!

O MENINO JOÃO:

- Viva! Todas as Joanas Livres! Mas foi ela que te contou?

A MENINA PASSARINHO:

- Não, né João, foi a professora. Passarinhos não falam. Vamos João.

(saem voando)

CENA 10

A MENINA PASSARINHO:





- Mãe, agora eu entendi.

A MÃE:

- Entendeu o que filha?

A MENINA PASSARINHO:

- Tudo mãe, eu entendi tudo.

A MÃE:

- Não venha me dizer, que você continua encafifada com essa ideia de voar.

A MENINA PASSARINHO:

- Sim mãe, mas de outro jeito.

A MÃE:

- Que jeito, menina? Que jeito?

A MENINA PASSARINHO:

- Eu vou escrever minha própria história.

## EPÍLOGO

A PROFESSORA

- Ela chegou meio zonha e os passarinhos a cantar saíram mundo afora, mas a menina agora aprendeu a lição, voar é bom, mas na imaginação. Na natureza cada um tem seu lugar, o nosso é no chão e o dos passarinhos é no ar. Tem como voar sem ser de fato passarinho,





ser livre e ser leve, faz a gente voar sem sair do chão, a cabeça pensa e a gente “avoa” na imaginação!

Voar é verbo!

Amar é verbo!

Sonhar é Verbo!

Verbo é ação!

Agora nada mais prende a Menina Passarinho que vive a correr-brincar, viver-voar dentro e fora do ninho. Na imaginação, na leitura e no aprender ela viaja o mundo. E cresce viva e plena!

Nada nem ninguém pode impedir o voo daquela que de tanto brincar de voar aprendeu a ser livre!

E ali no seu quintal, agora tem uma orquestra de passarinhos que cantam e pousam no seu varal!

Ela escreve sua própria história! E olhando pro futuro, tal Frida Kahlo, sempre repete assim:

A MENINA PASSARINHO

“Piés, ¿para qué los quiero si tengo alas pa’ volar?”

(Agora, bem ali no quintal da Menina Passarinho, a orquestra de passarinhos se põe a cantar).

MÚSICA - A Menina Passarinho parte II

Edu Brisa / Everton Gennari

Todos nós já conhecemos / A menina passarinho / Que voou e voltou pro seu ninho / Agora com os pés no chão continua a voar com o seu coração / Esse jeito de “avoa” / Dessa menina passarinho / Com





o seu amigo João / Com as asas da imaginação / Voam voam sem parar  
/ Abra as suas asas e comece a voar / Abra as suas asas e comece a voar  
/ Abra as suas asas e comece a voar / Abra as suas asas e comece a voar.

*Fim.*







## **É TEMPO DE FESTA PRAS BANDAS DO CORAÇÃO DE NOSSA SENHORA!**

Espetáculo da CTI - Cia Teatro da Investigação sobre festas como formas de mobilização social.

A obra é uma investigação do grupo acerca da construção da poética do Teatro-Baile que estuda a festa como possibilidade de mobilização social na criação de um novo espetáculo-festa. Algumas referências musicais e dramáticas, como as obras de Patativa do Assaré, Dominginhos e J.Borges, foram inspiração para a encenação, assim como, as danças populares como base para um corpo que brinca. E que tem material orientador: Alves, Vânia de Fátima Noronha.

Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas.

A obra procura trazer ao público a experiência de um festejo que também é teatral. Essa conexão se dará por meio de uma estrutura de festa com intervenções de dança e de teatro, exaltando as referências populares e contando a história de três personagens da cultura popular que recebem uma encomenda para preparar a festa de coroação de Nossa Senhora. Enfrentando a realidade de um Brasil sem coração, os três buscam sobreviver e realizar o festejo.

O espetáculo traz também em sua concepção uma fusão da cultura popular com as ideias defendidas pelo filósofo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 - 1975), sobre a festa como um lugar de





libertação para o povo. “Conceitualmente a festa não tem patrão, não tem censura. É um lugar fraternal que oferece uma relação de trocas”, diz Edu Brisa.





# SÍNOPSE

Três personagens da cultura popular recebem uma encomenda para preparar a festa de coroação de Nossa Senhora, enfrentando a realidade de um Brasil sem coração, os três buscam sobreviver e realizar o festejo.







# FICHA TÉCNICA

Dramaturgia e direção: Edu Brisa

Elenco: Cris Camilo, Harry de Castro e Gustavo Guimarães

Músicos: Bia Nascimento, Cristiano Ferraz e Fefê Camilo

Preparação corporal: Val Ribeiro

Direção Musical: Fernando Alabê

Orientação artística: Ednaldo Freire, Cleydson Catarina e Cida Almeida

Figurinos: Samuel Cabral

Cenografia: Cia. Teatro da Investigação

Classificação indicativa: Livre

Duração: 60 minutos

Realizou Temporada de 16 apresentações de 23 de setembro a 29 de outubro de 2022. - Sede CTI - Teatro-Baile - Rua Oti, 212 - Vila Ré - São Paulo (SP) e também circulação por 08 espaços públicos da Cidade de São Paulo.



CTI - CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO 19 ANOS APRESENTA:

ESTE PROJETO FOI REALIZADO COM APOIO DO PROGRAMA MUNICIPAL DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA\*

**TEATRO BAILE**  
UMA PRÁTICA EM CONSTRUÇÃO  
O CARRINHO DO FEIZ CONSTRUÍDO

TEMPORADA DE  
**23** DE SETEMBRO  
A **29** DE OUTUBRO  
(EXCETO DIA 02/10)

- SEXTAS E SÁBADOS  
ÀS 20H00
- DOMINGOS  
ÀS 18H00

**É TEMPO DE FESTA PRAS BANDAS**



**DO CORAÇÃO DE NOSSA SENHORA**

DURAÇÃO:  
**60 MINUTOS**

**LOCAL**  
SEDE CTI TEATRO-BAILE  
RUA OTI, 212 • VILA RÉ  
SÃO PAULO • SP

REALIZAÇÃO





**É TEMPO DE FESTA PRAS  
BANDAS DO CORAÇÃO DE  
NOSSA SENHORA!**

*De Edu Brisa*







CTI - Agosto de 2022

Procissão de nossa senhora  
(O elenco recebe o público, com tambor e cantoria, enquanto conduz nossa senhora ao centro da cena).

Música:

Ê mamãe,  
Ajuda eu mamãe,  
Embala eu mamãe,  
Cuida de mim,

Ê mamãe,  
Ajuda eu mamãe,  
Embala eu mamãe,  
Cuida de mim

ABERTURA DA FUNÇÃO

Ator:

Boas noites!  
Pode se chegar, se aconchegar!  
Vai começar o Teatro-Baile!  
É tempo de festa minha gente!  
Somos a Cia. Teatro da Investigação, mas pode chamar de CTI.  
“Desafrouxe” os nós, “desafivele” os cintos, assossegue os pensamentos e acalme seu coração! Pois aqui e agora:

Atriz:





É TEMPO DE FESTA PRA BANDAS DO CORAÇÃO DE NOSSA  
SENHORA!

Prólogo/música de abertura

Coração de Artista

Edu Brisa / Fernando Alabê

Meu coração de artista, não é vagabundo,  
Meu coração de artista, não vaga só pelo mundo,

Meu coração de artista, já saiu pela boca,  
Meu coração de artista, já virou uma canção,  
Meu coração na mão,

Meu coração de artista não é partido,  
Ele é repartido,  
Um tantinho pra cada amor,

Na matemática do artista,  
É dividindo que se multiplica,  
Quanto mais se compartilha, mais se tem pra dar,

Já andou na mão,  
Com ele que ganho o meu pão,  
O pão de cada dia,  
Ele bate aqui e lá no peito de Maria!





Maria Valei Me!

Meu coração de artista não se cansa de bater,

Maria Valei Me!

Corre aqui, venha ver!

COSTUREIRA:

- Faço roupas de festa! Vestido, saia, calça e camisa Faço tudo que tu precisar, só não faço roupa de baixo, roupa de baixo? Vá comprar em outro lugar!

MASCATE:

- É tempo de festa! A roupa tem que ser nova, mas é preciso de uns apetrechos pra combinar. Aqui tem copo pra beber, caneca pra tomá, pode ser a quente ou a gelada, cada quá com seu cada quá. Aceito “quarquê” forma de pagamento, só não troco por jumento que de jumento eu não sei andar!

ARTISTA POPULAR:

- Que hora é no seu relógio? ... Pois é, é hora de comprar... jogue suas moedas, suas notas, pra seu desejo realizar, na festa tem roupa mandada fazer, tem apetrechos pra você. Eu não tenho outra coisa pra vender, eu daqui só sei cantar.

Nem Me Deu Bola

Dominguinhos

Mais uma festa que se vai

Uma saudade que rola





O candeeiro se apagou  
E o forró se acabou  
E você nem me deu bola

Faz isso não coração  
Não maltrate d'eu  
Se não no ano que vem  
Vou arranjar outro alguém  
Que dance forró mais eu

MASCATE:

- Como assim, meu amigo? A festa nem começou e tu já vem com essa? Deixa essa pro final! Assim espanta a freguesia.

ARTISTA POPULAR:

- Se dá que meu coração de artista, anda machucado, “dilurido”, dilacerado por mó de um “amô” não correspondido.

COSTUREIRA:

- A vida da gente já vem costurada de nascença. O que for pra ser teu, vai ser. Nenhum coração bate à toa nesse mundo, isso tu pode escrever! Agora se tu fizer uma roupa de festa e passar uma água de cheiro... hummm

MASCATE:

- Botá um relógio no pulso e um pente na algibeira...

COSTUREIRA:

- Aí pode ser que a correspondência venha mais ligeira.





ARTISTA POPULAR:

- Só se eu for presenteado, pois, hoje não faturei nem pro sal. O que é que eu vou contar lá em casa, seu num faturei nem um real?

MASCATE:

- Esse é o Brasil que eu não quero, mas que aconteceu!

COSTUREIRA:

- Brasil, o que foi que te deu?

ARTISTA POPULAR:

- Aqui no fundo do meu chapéu, não deu cobre, não deu ouro, o meu tesouro é esperar! Carma aí, pera lá. Tem um escrito aqui, é uma encomenda, Maria me acode, pra que eu compreenda! Aqui diz: esse pedido é urgente e será pago à vista! Serão moedas de ouro pra alegrar o coração do artista. Preste atenção na encomenda, pois, ela é dívida em três. Pra festa de coroação de Nossa Senhora e pro sustento de vocês. Preciso que se faça o seu manto no azul, mais azul que já se viu, um apetrecho pra adorno de cabeça no ouro mais brilhante do Brasil e uma canção de coroação pra mãe de todos os fios!

COSTUREIRA:

- O manto de Nossa Senhora! Esse é comigo!

ARTISTA POPULAR:

- A canção vai sair daqui, do coração do artista, que como eu já dizia, bate aqui e lá no peito de Maria.





MASCATE:

- O apetrecho de cabeça, é coisa minha! Dou um jeito, eu me viro, eu me viro nem que seja preciso rezar nove ladainha.

COSTUREIRA:

- Mas vem cá? Tu é ourives?

MASCATE:

- Que diabo é ourives?

ARTISTA POPULAR:

- Ourives é um povoado ali, no caminho da chapada diamantina. Tem até um rio lá. O Rio de Ourives!

COSTUREIRA:

- Não é esse ourives não. É aquele que faz apetrechos de ouro.

MASCATE:

- Se eu num era, agora eu sou!

COSTUREIRA:

- Então “rumbora tafuiá” a cara no serviço que jaja é de noite e o tempo pode num dá.

ARTISTA POPULAR:

- Eu vou me inspirar no poeta que minha escrita tenha a guia e o rumo, e, eu possa achar! Como já disse patativa, mestre dessa arte arretada: “É melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada”





Música de cena

Tenho Sede

Dominguinhos / Anastácia Ferreira

Traga-me um copo d'água, tenho sede  
E essa sede pode me matar  
Minha garganta pede um pouco d'água  
E os meus olhos pedem teu olhar

A planta pede chuva quando quer brotar  
O céu logo escurece quando vai chover  
Meu coração só pede o teu amor  
Se não me deres, posso até morrer

Traga-me um copo d'água, tenho sede  
E essa sede pode me matar  
Minha garganta pede um pouco d'água  
E os meus olhos pedem teu olhar

A planta pede chuva quando quer brotar  
O céu logo escurece quando vai chover  
Meu coração só pede o teu amor  
Se não me deres, posso até morrer

---Cena 01---

Farinha pouca. Numa venda





BÊBADA 1:

- Corre aqui! Presta assunto: Eu tô com um problema sério. Por exemplo... uma pessoa que eu nunca vi, eu num conheço.

BÊBADO 3:

- E eu que tô com fome, com fome, com fome.. fome “mermo”.. daí eu como, a fome passa...

BÊBADO 2:

- Então tu é rico. Que quase ninguém tá “comeno” nesse Brasil.

BÊBADO 3:

- Rico não. Me respeita.

BÊBADA 1:

- Ôpa!

BÊBADO 3:

- Eu sô é mentiroso!

(ri)

BÊBADA 1:

- Tu tá sabendo?

BÊBADO 2;

- Tô.

BÊBADA 1:







- Então me conta?

BÊBADO 3:

- Acontece que foi um bilhete.

BÊBADO 2:

- Uma encomenda...

BÊBADO 3:

- Feita pela própria Nossa Senhora, pra fazer uma festa de coroação pra ela. Mas acontece que os três escolhidos num tem nenhum “ricurso”...

BÊBADO 2:

- Dado que num vai ter festa nenhuma.

(silêncio)

BÊBADA 1:

- Eu tenho! Eu ajudo.

BÊBADO 2:

- Tu num tem onde cair morta. É uma sem eira nem beira. Tá toda endividada.

BÊBADA 1:

- Eu só devo pra duas pessoas...

BÊBADO 3:





Deus e o mundo.

(ri)

- Tu é muito é “bêba”!

BÊBADO 2:

- E bota “Bêba” nisso!

BÊBADA 1:

- Eu num sô bêba, eu tô bêba. Amanhã eu saro.

BÊBADO 2:

- Nossa Senhora que me “adefênda”. No Brasil de hoje não dá pra ficar sóbrio. Já que num sobra nada pra nós.

BÊBADO 3:

- É muita injustiça. Somos nós que carregamos esse país nas costas.

BÊBADO 2:

- Os “bêbo”?

BÊBADO 3:

- Não. Os “trabaiadores”.

BÊBADA 1:

- “Trabaiadores” desempregado num é “trabaiadores”.

BÊBADO 2:

- É sim. Não tamo aqui por gosto, mas por conjuntura.





BÊBADO 3:

- Aí eu vi filosofia!  
(aplaude)

BÊBADA 1:

- E cumá é que é, que a gente vai ajudar a fazer a festa? ... hum?  
hum? Bora “tomá” uma pra abrir as “ideia”?

BÊBADO 3:

- Eu num tô “pudendo” beber.

BÊBADO 2:

- Agora Jesus volta!

BÊBADA 1:

- O que foi que te deu?

BÊBADO 3:

(revira os bolsos e mostra)

BÊBADO 2:

- Tô contigo nessa aí.  
(revira os bolsos e mostra)

BÊBADA 1:

(revira os bolsos e mostra)

- Bem que minha mãe me avisou pra num andar com vocês.  
(Quebra épica)





Todos:

- Brasil, sou eu aqui. Não tô te reconhecendo!

Música de cena

Pedras Que Cantam

Dominguinhos & Fausto Nilo

Quem é rico mora na praia

Mas quem trabalha nem tem onde morar

Quem não chora dorme com fome

Mas quem tem nome joga prata no ar

Ô tempo duro no ambiente,

Ô tempo escuro na memória,

O tempo é quente

E o dragão é voraz....

Vamos embora de repente,

Vamos embora sem demora,

vamos pra frente

Que pra trás não dá mais

Pra ser feliz num lugar

Pra sorrir e cantar

Tanta coisa a gente inventa,

Mas no dia que a poesia se arreventa

É que as pedras vão cantar





---Cena 02---

(“Brasi de Cima e Brasi de Baixo”)

O Leilão do bode e a preparação da casa da festa

COSTUREIRA:

- Eu sonhei que eu fiz a festa e não veio ninguém. Eu vou é preparar esse chão pra dança. No sonho eu fazia isso aqui: preparava o chão de barro, molhava tudinho pra não levantar poeira. Não vinha ninguém. Daí, secava. Eu molhava denovo, não vinha ninguém, secava denovo. Não veio ninguém. Acordei desnortada, sem rumo, com a cabeça atarantada... daí eu lembrei de mim e acalmei. É... a gente não pode esquecer da gente não, senão a gente nunca acalma. Rumbora romper pra frente!

MASCATE:

(entra puxando um bode)

- Êita! Será que vem alguém nessa festa?

COSTUREIRA:

- Se não vier, vai perder. Eu venho! E esse bode?

MASCATE:

- Tô leiloando!

COSTUREIRA:

- Esse num é bode de Nossa Senhora não, né?

MASCATE:





- Que isso! Que bode de Nossa Senhora nada! Bode de Nossa Senhora? Tá doida? Eu tenho escrúpulos!

COSTUREIRA:

- Aiaiaiaiai. Escrúpulos? Quem não te conhece que te compra! Mas vem cá, quem vai querer um bode véi desse rapaz? Da carne dura! Aqui todo mundo tem bode, bode aqui nasce igual pé de coentro!

MASCATE:

- Alguém há de querer. Nossa senhora vai “dá” um jeito. A gente precisa do dinheiro do bode pra comprar as matérias primas da encomenda.

COSTUREIRA:

- Tecido e linha, até que pode dá... “malé-má”, mas e o ouro do apetrecho de cabeça?

MASCATE:

- Deixa comigo! Esse bode Vale ouro!

GRANFINO EXPLORADOR:

(entrando)

- Eu ouvi ouro?

COSTUREIRA:

- Bode!

MASCATE:





- Bode de ouro!

GRANFINO EXPLORADOR:

- Acho que ouvi mal. Eu não suporto bode (hurrrrr), cheiro de bode (hurrrrrr), carne de bode (hurrrrrr), buchada de bode (hurrrrrrrrr), tripa de bode (hurrrrrrrrrrr), pirão de bode (hurrrrrrrrrrr), sarapatel de bode (hurrrrrrrrrrrrr), rim de bode (hurrrrrrrrrrr), testículos de bode (hurrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr)... Macho! Esse bode é macho, macho?

MASCATE:

- É macho, macho!

GRANFINO EXPLORADOR:

- É macho, macho?

MASCATE:

- É macho, macho!

GRANFINO EXPLORADOR

- É macho, macho?

MASCATE:

- É macho, macho!

GRANFINO EXPLORADOR:

- É macho, macho?

MASCATE:

- É macho, macho!



COSTUREIRA:

- Chega!!

GRANFINO EXPLORADOR:

- É uma lástima! Se inda fosse uma cabra eu poderia me interessar! Cabra dá leite. Leite de cabra é bom. Queijo de cabra é bom. Tá mais no meu nível social.

COSTUREIRA:

- É que a gente tá vendendo esse danado pra pagar as despesas da encomenda pra festa de Nossa Senhora. O senhor bem que podia ajudar a gente.

GRANFINO EXPLORADOR:

- Desculpe, não tenho trocado. Além do mais, eu já ajudo diversas instituições sem fins lucrativos!

MASCATE:

- É uma pena!

COSTUREIRA:

- Uma pena “mermo”!

MASCATE:

- Uma pena pro senhor, porque esse bode aqui é beééemm lucrativo!

COSTUREIRA:







- E bóóóóóta lucrativo nisso!

GRANFINO EXPLORADOR:

- Lucrativo como?

COSTUREIRA:

- É. Como?

MASCATE:

- O senhor não tá reconhecendo esse bode? Cadê sua “Tiuria?”  
Cadê o seu conhecimento de cultura popular?

COSTUREIRA:

- Cultura popular!

MASCATE:

- Esse Bode ... bééééé... é filho do gato que caga dinheiro.  
Griaulllll

COSTUREIRA:

- Que come dinheiro... Griaulllll

MASCATE:

- ... com a galinha que bota ovo de ouro... Có-coó-có-có

COSTUREIRA:

- Que tem pena de ouro. Có-coó-có-có

MASCATE:





- ...feito num laboratório lá da capital.....

COSTUREIRA:

- Ô laboratório!

MASCATE:

- Que foi enxertado no bucho de uma cabra.

COSTUREIRA:

- Cagado no bucho da cabra.

MASCATE:

- Que era casada com um bêbo.

COSTUREIRA:

- Por isso que eu num bêbo.

GRANFINO EXPLORADOR:

- Valei-me minha nossa! E esse bode faz o que?

COSTUREIRA:

- O que é que ele faz?

MASCATE:

- O que mais ele faria? Esse bode URINA CACHAÇA!

COSTUREIRA:

- Duvi-d-ó-dó!





MASCATE:

- Me ajuda aí.

COSTUREIRA:

- Ahhh! É aquele? Ele tá diferente. Não tinha nem reconhecido!

GRANFINO EXPLORADOR:

- Macho! Se esse bode urinar cachaça eu dou um saco de moedas nele.

MASCATE:

- Pronto! Eu gosto assim. Negócio fechado! Um copo! Vai bodinho, num me desaponte!

(o bode urina a cachaça)

COSTUREIRA:

- Que urina amarela!

MASCATE:

- É ouro! Cachaça ouro!  
(ele serve ao Granfino).

GRANFINO EXPLORADOR:

- Hum!!!! É ouro!?

MASCATE:

- Gold!

GRANFINO EXPLORADOR:





(Toma a urina)

- Macho! Que cachaça é essa?! Tome aqui o saco de moedas e dê cá esse Bode!. Vem com papai, vem!

(sai)

COSTUREIRA:

- Esse caiu direitinho! Será que não é pecado?

MASCATE:

- Pecado é dormir com fome. Pega aqui tua parte e vamo romper!

COSTUREIRA:

- Isso é pouco. Tá tudo uma carestia danada.

MASCATE:

- Toma só mais esse. E esse daqui é pro ouro do apetrecho de cabeça!

(sai)

COSTUREIRA:

- Bom, o chão tá no jeito. Só falta os pé de dança! Eu vou é correr pra máquina e pedalar esse manto de Nossa Senhora!

Cena Final

Levantamento do mastro e coroação de Nossa Senhora

ARTISTA POPULAR:





Eu e Nossa Senhora  
Nossa Senhora do Sertão,  
Muita gente te cantô  
Eu sempre aqui dentro, tenho cantado  
E ainda cantando tô,  
Minha mãezinha, segura a minha mão  
Munto te prezo, te quero bem  
E vejo qui os teus mistéro,  
Fazendo meu coração de artista palpitá  
Me ajuda a encontrar as palavras certa  
Pra que eu possa decifrá.  
A tua beleza é tanta,  
Qui o poeta canta, canta,  
E inda fica o qui cantá.

COSTUREIRA:

- O Manto ficou pronto! Viva Nossa Senhora! O tempo parecia que num ia dá. O tempo rendeu! O pano, parecia que num ia dá. O pano rendeu! A linha, parecia que num ia dá. A linha rendeu! A linha cozeu! A agulha quebrou, o cansaço bateu, mas eu sou filha da alvorada, eu num me perco na estrada, pois, o caminho foi Maria que me deu. Viva Nossa Senhora!

MASCATE:

(entrando)

- Eu vi Maria, ela falou comigo!

ARTISTA POPULAR:

- Não venha com história não. Nós queremos saber cadê o ape-





trecho de cabeça que já tá na hora e até agora nada.

COSTUREIRA:

- E é?

ARTISTA POPULAR:

- É.

COSTUREIRA:

- É mermo!

MASCATE:

- E a canção da coroação que aqui ninguém escutou.

COSTUREIRA:

- E é?

MASCATE:

- É.

COSTUREIRA:

- É mermo!

ARTISTA POPULAR:

- A canção tá aqui dentro de mim, na hora de sair ela sai. Isso aí é um pau de sebo?

MASCATE:

- É o mastro!





COSTUREIRA:

- É um pau de sebo, sim.

MASCATE:

- É o mastro!

COSTUREIRA:

- É um pau de sebo, sim.

MASCATE:

- É o mastro!

COSTUREIRA:

- É um pau de sebo, sim.

MASCATE:

- É o mastro! Não podemos esquecer de subir o mastro e fazer os pedidos.

COSTUREIRA:

- Isso aí é o pau de: sebo sim. O pau de sebo do terreiro de São João!

MASCATE;

- Era. Agora num é mais. É o mastro de Nossa Senhora! São João é sobrinho dela. Tá tudo em família.

ARTISTA POPULAR:





- Isso é um pirão perdido, mermo. Bem que todo mundo fala!  
Rumbora iniciar, que Nossa Senhora não gosta de fuleragem não.

COSTUREIRA:

- Então, rumora levantar o mastro e ligar nossa antena com  
Nossa Senhora! (Erguem o mastro com o manto de nossa senhora na  
ponta).

- Agora “vamo” aos pedidos. Cada qual que pegou sua fitinha  
pode se aproximar e amarrar no mastro e fazer seus “pedido”. Primeiro  
aquilo que “ocês” quer que vai embora, as “coisa” ruim. Depois aquilo  
que ocês quer que o vento traz, as coisa boa!

A fome - O vento leva

A maldade do homem - O vento leva

O desamô - O Vento leva

A escassez - O Vento leva

O desemprego - O Vento Leva

O desrespeito - O Vento Leva

Tudo que entristece - O Vento Leva

Que adocece - O Vento Leva

Que mata - O Vento Leva

Que machuca - O Vento Leva

Que empobrece - O Vento Leva

O Pão na mesa de cada um!!

O vento traz

A fartura - O vento traz

A saúde - O vento traz

O respeito - O vento traz

O abraço - O vento traz







O emprego - O vento traz  
Tudo que enobrece - O vento traz  
Oê na minha prece - O vento traz  
Tudo que cura - O vento traz  
O bem viver - O vento traz  
A justiça social - O vento traz  
O salário - O vento traz  
O direito à festa - - O vento traz  
A cachaça e o pirão - O vento traz

MASCATE:

- Eu vi Nossa Senhora! Ela falou comigo!

(Começa a descer uma coroa, acima do mastro. O Artista Popular tem uma epifania e canta).

ARTISTA POPULAR:

Canção de coroação:

Lá no céu vem descendo uma coroa,  
Essa coroa é do reino da glória,  
Lá no céu vem descendo uma coroa,  
Essa coroa é do reino da glória,

Vamos amparar ela com jeito meus irmãos,  
Essa coroa é de Nossa Senhora.  
Vamos amparar ela com jeito meus irmãos,  
Essa coroa é de Nossa Senhora.

(Nossa senhora é coroada).

- Viva Nossa Senhora!





TODOS:

- Viva!!

MASCATE:

- Viva Nossa Senhora!

TODOS:

- Viva!!

COSTUREIRA:

- Viva Nossa Senhora!

TODOS:

- Viva!!

COSTUREIRA / BÊBADA:

Minha nossa senhora, eu peço que me atenda,

Pois eu num pago imposto de renda,

Eu não tenho renda pra empostar,

A única renda que eu conheço é a que eu suo pra costurar,

A toalha pra forrar a mesa,

A mesa que já não é farta, pois sempre “farta” comida pra forrar  
a barriga dos de cá.

Ah minha nossa senhora!

É pecado querer cumê, se “alimentá?”

Não é não. Né, minha mãezinha!

E nem é pecado “tumá” uma, duas, três...

O maior pecado do mundo é tanta gente passar fome,





Nessa luta “desigual!”  
É Tanto desperdício e pouco se importar,  
Que o coração da gente chega, minha mãe chega desacreditá!  
Eu daqui, enquanto for possível,  
Vou “tumá” minha cachaça, comer o meu pirão,  
Um docinho de sobremesa e “palitar” os dentes com beleza!  
Enquanto não for possível comer do bom e do melhor, eu vou  
mantendo o meu resistir!

TODOS:

- Ei!
- Brasil!
- Me tira daqui!

---EPÍLOGO---

Música

Rosário de coco licuri

Edu Brisa

Eu vou comer meu rosário de coco licuri,  
Eu vou comer meu rosário de coco licuri,  
Quem não gostar de coco, pode sair daqui,  
Quem não gostar de coco, pode sair daqui,

(Entram os bêbados com o bode elétrico, comida, bebida, fartura e a paga pela encomenda).

BÊBADA 1:





- Pera lá, minha gente! Não acabou não!

BÊBADO 2:

- Vai começar agora!

BÊBADO 3:

- Peraiinda! Agora?

BÊBADO 2:

- Nestahora!

BÊBADA 1:

- Viemos do futuro pra trazer a boa nova!

BÊBADO 3:

- Eita! Eu gosto assim!

BÊBADA 1:

- E vou dizer uma coisa!

BÊBADO 2:

- O Brasil tem jeito!

BÊBADO 3:

- Só que tem um porém!

BÊBADOS 1 e 2:

- Qual?





BÊBADO 3:

- Tem que festejar pra vida melhorar!

BÊBADA 1:

- Como eu ia dizendo: Viemo do futuro! Trouxemos a paga pros  
trabaidores da festa de Nossa Senhora!

BÊBADO 3:

- Três sacos de ouro!

BÊBADO 2:

- O dicumê e o de bebêr. É a fartura! Rumbora fazê um furo no  
futuro, que é pra água jorrar limpa! Ah! E o mais importante: A urina  
do bode! Essa é da boa Macho!

BÊBADA 1:

- E o bode que tava carregando um rico sem escrúpulos foi li-  
bertado por Nossa Senhora e alçado ao posto de bode elétrico que toca  
forró sem parar!

BÊBADO 2:

- Tá danado!

BÊBADO 3:

- Dando o quê!? Isso é Dominginhos!

BÊBADA 1:

- Rumbora dançá que o Chão tá pronto!





### BÊBADO 3:

- Viva a Festa! Viva Dominginhos! Viva Patativa do Assaré!  
Viva J. Borges! Viva Nossa Senhora!... Viva o Teatro-Baile!... Bode elétrico: acunha!!

(Fazem o baile com repertório de Dominginhos nas caixas de som do bode elétrico e celebram um futuro de prosperidade. Elenco e público comem, bebem e dançam).

Isso aqui tá bom demais

Moraes De José Domingos / Correia Fernando Manoel

Eu só quero um Xodó

Anastácia / Dominginhos

Sanfona Sentida

Dominginhos / Anastácia.

Lamento Sertanejo

Dominginhos / Gilberto Gil.

Cena derradeira

Canto de despedida

Coração de Artista

Meu coração de artista, não é vagabundo,

Meu coração de artista, não vaga só pelo mundo,





Já andou na mão,  
Com ele que ganho o meu pão,  
O pão de cada dia,  
Ele bate aqui e lá no peito de Maria!

Maria Valei Me!  
Meu coração de artista não se cansa de bater,  
Maria Valei Me!  
Corre aqui, venha ver!

Findou-se.





Esta publicação é parte do projeto: “Teatro-Baile, uma poética em construção - o caminho se faz caminhando”

**CTI - CIA. TEATRO DA INVESTIGAÇÃO**  
**Fundada em 2003 na cidade de São Paulo -BR**



“Este projeto foi realizado com apoio do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura”

REALIZAÇÃO

